

VOLUME

1

CADERNO ECONÔMICO

INSTITUTO PEREIRA PASSOS | Coordenadoria de Projetos Especiais – DEZ/2025

SÉRIE: INDÚSTRIAS

PREFEITURA



RIO

Instituto
Pereira Passos

INSTITUTO PEREIRA PASSOS | Coordenadoria de Projetos Especiais

CADERNO ECONÔMICO

SÉRIE: INDÚSTRIAS

Dezembro | 2025



**Instituto
Pereira Passos**



Instituto
Pereira Passos

PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

Eduardo Paes

PREFEITO

INSTITUTO PEREIRA PASSOS

Elias Marco Khalil Jabbour

PRESIDENTE

Clara Sanchez Rodrigues

Diretora Executiva

Marcelo Pereira Fernandes

Coordenador de Projetos Especiais

Autores

Ana Caroline de Sousa Sampaio

Naiara Silva de Carvalho

Vitor Vieira Fonseca Boa Nova

■ LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Produto Interno Bruto a Preços Correntes – Valor Presente 2024

Gráfico 2 – Participação do PIB do Estado do RJ no PIB do Brasil

Gráfico 3 – Participação do PIB da Cidade do RJ no PIB do Brasil

Gráfico 4 – Participação do PIB da Cidade do RJ no PIB do Estado do RJ

Gráfico 5 – Valor Adicionado Bruto no PIB do Brasil a Preços Correntes – Valor Presente 2024

Gráfico 6 – Valor Adicionado Bruto das Indústrias de Transformação e Extrativa no PIB do Brasil a Preços Correntes – Valor Presente 2024

Gráfico 7 – Valor Adicionado Bruto no PIB do Estado do RJ a Preços Correntes – Valor Presente 2024

Gráfico 8 – Valor Adicionado Bruto das Indústrias de Transformação e Extrativa no PIB do Estado do Rio de Janeiro a Preços Correntes – Valor Presente 2024

Gráfico 10 – Participação do Setor Indústria no PIB do Brasil

Gráfico 11 – Participação das Indústrias de Transformação e Extrativa no PIB do Brasil

Gráfico 12 – Participação do Setor Indústria no PIB do Estado do RJ

Gráfico 13 – Participação das Indústrias de Transformação e Extrativa no PIB do Estado do RJ

Gráfico 14 – Participação do Setor Indústria no PIB da Cidade do RJ

Gráfico 15 - Taxa de Variação das Importações e Exportações do Brasil – Taxa acumulada ao longo do ano (em relação ao mesmo período do ano anterior)

Gráfico 16 – Participação das Exportações do Estado do Rio de Janeiro nas Exportações Brasileiras

Gráfico 17 – Participação das Importações do Estado do Rio de Janeiro nas Importações Brasileiras

Gráfico 18 – Importações e Exportações da Indústria Extrativa do Brasil

Gráfico 19 – Importações e Exportações da Indústria de Transformação do Brasil

Gráfico 20 - Importação e Exportação do Estado do Rio de Janeiro nas Indústrias Extrativas e de Transformação

Gráfico 21 - Exportação da Indústria Extrativa do Estado do Rio de Janeiro

Gráfico 22 - Valor Médio Anual do Barril de Petróleo Tipo Brent

Gráfico 23 - Importações e Exportações da Cidade do Rio de Janeiro

■ LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Variação Acumulada do PIB – Brasil, Estado RJ e Cidade RJ

Tabela 2 – Variação do Valor Adicionado Bruto no PIB do Brasil

Tabela 3 – Variação do VAB das Indústrias de Transformação e Extrativa do Brasil

Tabela 4 – Variação do Valor Adicionado Bruto no PIB do Estado do RJ

Tabela 5 – Variação do VAB das Indústrias de Transformação e Extrativa do Estado do RJ

Tabela 6 – Variação do Valor Adicionado Bruto da Cidade do RJ

Tabela 7 - Indústria Extrativa do Estado do Rio de Janeiro em 2024 – Em US\$

Tabela 8 - Indústria de Transformação do Estado do Rio de Janeiro em 2024 – Em US\$

■ SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	9
RESUMO EXECUTIVO	10
1 – INDÚSTRIA NO PIB	13
1.1 Evolução do Produto Interno Bruto – PIB	15
1.2 Valor Adicionado Bruto (VAB) no PIB	21
1.3 Participação do Setor Industrial no PIB	29
1.4 Considerações Finais	35
2 – COMÉRCIO EXTERIOR	37
Considerações Finais	47
3 – REFERÊNCIAS	48

■ APRESENTAÇÃO

O **Caderno Econômico** foi idealizado pelo corpo técnico do Instituto Pereira Passos para pensar o desenvolvimento econômico a partir da cidade do Rio de Janeiro e posicionar os estudos sobre a cidade no contexto nacional e internacional. O caderno terá séries temáticas. Esta edição é o primeiro volume da série “Indústrias” que tratará de analisar alguns indicadores industriais brasileiros, fluminenses e cariocas a fim de examinar os dados e posicioná-los em seus contextos políticos, econômicos e sociais, entregando ao leitor informações e interpretações do desenvolvimento industrial nos três níveis.

Este primeiro volume está dividido em dois blocos: o primeiro tratará da evolução do PIB, Valor Adicionado Bruto no PIB e da participação da indústria do Brasil, estado do Rio de Janeiro e cidade do Rio de Janeiro no PIB; e o segundo apresentará dados do comércio exterior brasileiro e da participação das indústrias fluminense e carioca no mesmo.

O país tem se desindustrializado e é importante entender isso a partir dos dados e compreender de forma totalizante como esse movimento vem acontecendo, analisando suas causas, seus desdobramentos e ainda, quais os possíveis caminhos para a reindustrialização brasileira. Os demais volumes da série “Indústrias” tratarão de outros indicadores, como por exemplo: salários, horas trabalhadas, custos, investimentos, receitas e produção a fim de aprofundar a análise do tema.

O **Caderno Econômico** terá ainda uma série “Desenvolvimento” que será lançada em três volumes iniciais com a finalidade de trabalhar o conceito de desenvolvimento e analisar o desenvolvimento no mundo, no Brasil, no estado e na cidade do Rio de Janeiro, examinando e debatendo suas tendências, desafios e oportunidades.

Coordenação de Projetos Especiais

■ RESUMO EXECUTIVO



R\$ 11,74 trilhões

Produto Interno Bruto (PIB) total do Brasil em 2024

Fonte: IBGE



R\$ 1,27 trilhões

Produto Interno Bruto (PIB) total do Estado do RJ em 2022

Fonte: IBGE



R\$ 0,42 trilhão

Produto Interno Bruto (PIB) total da Cidade do RJ em 2021

Fonte: IBGE



11,4%

Participação do PIB do Estado do RJ no PIB do Brasil em 2022

Fonte: IBGE



4,0%

Participação do PIB da Cidade do RJ no PIB do Brasil em 2021

Fonte: IBGE



37,9%

Participação do PIB da Cidade do RJ no PIB do Estado do RJ em 2021

Fonte: IBGE



R\$ 2,50 trilhões

Valor Adicionado Bruto (VAB) da Indústria no PIB do Brasil em 2024

Fonte: IBGE



R\$ 0,43 trilhão

Valor Adicionado Bruto (VAB) da Indústria no PIB do Estado do RJ em 2022

Fonte: IBGE



R\$ 0,53 trilhão

Valor Adicionado Bruto (VAB) da Indústria no PIB da Cidade do RJ em 2021

Fonte: IBGE



24,6%

Participação do Setor Industrial no PIB do Brasil em 2024

Fonte: IBGE



36,7%

Participação do Setor Industrial no PIB do Estado do RJ em 2022

Fonte: IBGE



10,1%

Participação do Setor Industrial no PIB da Cidade do RJ em 2021

Fonte: IBGE



14,7%

Taxa de variação do índice de volume trimestral das Importações acumulada em 2024

Fonte: IBGE



2,9%

Taxa de variação do índice de volume trimestral das Exportações acumulada em 2024

Fonte: IBGE



US\$ 2,3 bilhões e 11% de participação

Participação das Importações do Estado do RJ nas Importações do Brasil em 2024

Fonte: Comexstat/MDIC



US\$ 2,2 bilhões e 8,8% de participação

Participação das Exportações do Estado do RJ nas Exportações do Brasil em 2024

Fonte: Comexstat/MDIC



US\$ 16,3 bilhões

Importações da Indústria Extrativa no Brasil em 2024

Fonte: Comexstat/MDIC



US\$ 81 bilhões

Exportações da Indústria Extrativa no Brasil em 2024

Fonte: Comexstat/MDIC



US\$ 239,1 bilhões

Importações da Indústria de Transformação no Brasil em 2024.

Fonte: Comexstat/MDIC



US\$ 18,2 bilhões

Exportações da Indústria de Transformação no Brasil em 2024

Fonte: Comexstat/MDIC





1

INDÚSTRIA NO PIB

■ 1.1 Evolução do Produto Interno Bruto - PIB¹

O comportamento do Produto Interno Bruto (PIB) nos últimos anos reflete os desafios e a tentativa de recuperação da economia brasileira. Entre os anos de 2014 a 2021, o Brasil enfrentou períodos de instabilidades, sobretudo, na relação entre os poderes Executivo e Legislativo, dificultando avanços de agendas importantes para o desenvolvimento socioeconômico brasileiro, além dos impactos da pandemia da COVID-19, que influenciaram diretamente a atividade produtiva nacional.

Observa-se que o PIB do Brasil manteve relativa constância ao longo dos anos enfatizados. Após uma desaceleração entre os anos de 2014 e 2016 — reflexo do cenário nacional conflituoso —, a atividade econômica brasileira apresentou uma morosidade em sua trajetória, variando de R\$ 9,55 trilhões (2017) a R\$ 10,53 trilhões em 2021 (**gráfico 1**).

Já o período entre os anos 2022 e 2024 pode ser caracterizado como uma fase de fortalecimento do crescimento econômico brasileiro, após os choques provocados pelo Coronavírus, e o cenário global adverso. O PIB de R\$ 11,12 trilhões registrado em 2022 evidenciou a continuidade da recuperação dos principais setores da economia, especialmente a Agropecuária e a Indústria Extrativa, impulsionados pela alta nos preços das *commodities* e pela reabertura total das atividades econômicas (**gráfico 1**).

Em 2023, o PIB nacional manteve trajetória de expansão, agora sustentado principalmente pelo setor de Serviços, que consolidou sua retomada, e pelo Agronegócio, beneficiado por safras recordes de grãos. As políticas de transferência de renda (Bolsa Família e valorização do Salário Mínimo) também contribuíram para o fortalecimento da demanda interna.

Por fim, é possível verificar que no ano de 2024 a economia brasileira preservou o ritmo de crescimento, refletido na continuidade da expansão do PIB. O setor de Serviços permaneceu como o principal motor da atividade econômica, enquanto a melhoria das condições do mercado de trabalho — com taxa média de desemprego de 6,6%², a menor da série histórica iniciada em 2012 — reforçou o consumo das famílias e sustentou o dinamismo da economia ao longo do ano.

No que diz respeito aos entes subnacionais, denota-se que o PIB do Estado do Rio de Janeiro, seguiu um caminho semelhante ao nacional, com retração entre os anos

1 O Produto Interno Bruto (PIB) - Total dos bens e serviços produzidos pelas unidades produtoras residentes destinados aos usos finais, sendo, portanto, equivalente à soma dos valores adicionados pelas diversas atividades econômicas acrescida dos impostos, líquidos de subsídios, sobre produtos. O PIB também é equivalente à soma dos usos finais de bens e serviços valorados a preço de mercado, sendo, também, equivalente à soma das rendas primárias. Pode, portanto, ser expresso por três óticas: a) da produção - o PIB é igual ao valor bruto da produção, a preços básicos, menos o consumo intermediário, a preços de consumidor, mais os impostos, líquidos de subsídios, sobre produtos; b) da despesa - o produto interno bruto é igual à despesa de consumo das famílias, mais o consumo do governo, mais o consumo das instituições sem fins de lucro a serviço das famílias (consumo final), mais a formação bruta de capital fixo, mais a variação de estoques, mais as exportações de bens e serviços, menos as importações de bens e serviços; e c) da renda - o PIB é igual à remuneração dos empregados, mais o total dos impostos, líquidos de subsídios, sobre a produção e a importação, mais o rendimento misto bruto, mais o excedente operacional bruto (IBGE, 2022).

2 Verificar em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/42530-pnad-continua-em-2024-taxa-anual-de-desocupacao-foi-de-6-6-enquanto-taxa-de-subutilizacao-foi-de-16-2>.

2014 (R\$ 1,18 trilhões) e 2016 (R\$ 0,95 trilhão), período marcado pela “crise do petróleo” (vide **box 1** ao final dessa seção), culminando em uma crise fiscal no referido estado (**gráfico 1**).

Em relação ao ano de 2022, o desempenho do PIB fluminense reflete um processo de recuperação gradual da atividade econômica, após os impactos da pandemia da Covid-19. Esse resultado foi impulsionado, sobretudo, pela elevação dos preços internacionais do petróleo — fundamental para a economia estadual — e pela retomada do setor de Serviços, favorecida especialmente pelo reaquecimento do turismo.

O valor expressivo de R\$ 1,15 trilhão registrado em 2022 reforça a relevância do Estado do Rio de Janeiro como um dos principais polos econômicos do país. No entanto, a forte dependência das receitas vinculadas ao setor energético evidencia a necessidade de diversificação produtiva, de modo a ampliar a resiliência e a sustentabilidade do crescimento econômico do Estado do Rio de Janeiro (**gráfico 1**).

Quanto à Cidade do Rio de Janeiro, os anos entre 2014 e 2016 apresentam um comportamento similar aos cenários já apresentados: contração da atividade econômica. Todavia, os anos subsequentes não demonstram constância e muito menos recuperações significativas, haja vista que o PIB de 2021 obteve o menor valor da série observada, atingindo R\$ 0,42 trilhão (**gráfico 1**).

Ademais, na **tabela 1** é possível verificar que enquanto o PIB do Brasil registrou um crescimento de 3,4% entre os anos de 2014 a 2021, o Estado do Rio de Janeiro e, principalmente, a Cidade do Rio de Janeiro, apresentaram quedas significativas: o primeiro demonstra uma redução de -6,2%, enquanto o município do RJ exibe uma queda bastante acentuada de -20,6%.

Essa variação do Estado do Rio de Janeiro reflete tanto o impacto da crise nacional quanto os desafios locais, como a queda na atividade do setor de petróleo, dificuldades fiscais e a crise sanitária de 2020-2021.

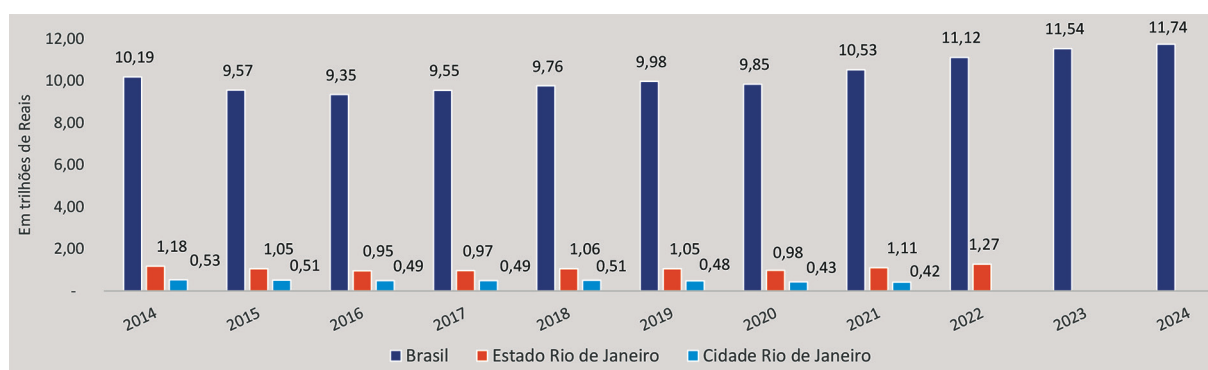
Já a diferença entre o resultado nacional e a cidade do Rio de Janeiro sugere que essa redução pode estar associada à perda de dinamismo econômico do município, à transferência de atividades produtivas e também aos efeitos da pandemia da Covid-19.

Por fim, faz-se importante mencionar que o PIB brasileiro cresceu 5,6% entre os anos de 2022-2024, e do Estado do Rio de Janeiro 14,7%, na comparação entre os anos de 2021 e 2022. Ambas a retomadas demonstram melhoras das condições macroeconômicas.

TABELA 1 – VARIAÇÃO ACUMULADA DO PIB - BRASIL, ESTADO RJ E CIDADE RJ

VARIAÇÃO	2014 - 2021	2021 - 2022	2022 - 2024
Brasil	3,4%	-	5,6%
Estado RJ	-6,2%	14,7%	-
Cidade RJ	-20,6%	-	-

Fonte: Elaboração dos autores com base nos dados do IBGE.

GRÁFICO 1 – PRODUTO INTERNO BRUTO A PREÇOS CORRENTES³ - VALOR PRESENTE 2024

Fonte: Elaboração dos autores com base nos dados do IBGE.

Em complemento a análise, os **gráficos 2, 3 e 4** demonstram a participação do Produto Interno Bruto a preços correntes do estado e da cidade do Rio de Janeiro.

Constata-se assim, que o estado do Rio de Janeiro registrou uma redução gradual de sua participação na economia nacional. Em 2014, o estado do RJ respondia por 11,6% do PIB brasileiro, participação esta que caiu para 10,5% em 2021. Essa trajetória evidencia uma perda relativa de importância econômica, especialmente entre os anos 2014-2016, período marcado por recessão econômica nacional e crises no setor de petróleo e gás, e nos anos 2020-2021, período marcado pela fase mais crítica da pandemia da COVID-19 (**gráfico 2**).

Contudo, em 2022 observa-se um aumento da participação do PIB do Estado do RJ, que atingiu 11,4%. Apesar dessa elevação, o indicador ainda se mantém abaixo do nível verificado no primeiro ano da série, evidenciando uma recuperação parcial (**gráfico 2**).

De forma ainda mais acentuada, a cidade do Rio de Janeiro apresentou queda contínua em sua participação no PIB nacional, passando de 5,2% em 2014 para apenas 4,0% em 2021. Essa redução indica um processo de desaceleração econômica, possivelmente associada à desindustrialização, à queda nos investimentos públicos e privados, e à redução das atividades de serviços ligados ao turismo — fatores agravados pela crise do Coronavírus nos anos 2020-2021 (**gráfico 3**).

Em relação à participação da cidade do Rio de Janeiro no PIB do estado do Rio de Janeiro, observa-se no **gráfico 4** uma trajetória de redução. Em 2014, o município respondia por 44,7% da atividade econômica do estado fluminense, atingindo o pico de 51,3% em 2016. A partir desse ano, verifica-se uma tendência de perda gradual de peso relativo da economia carioca, com a participação recuando continuamente até 37,9% em 2021, o menor patamar da série.

Essas oscilações refletem, em grande medida, o comportamento da Indústria Extrativa, especialmente das atividades ligadas à cadeia de petróleo e gás, que exer-

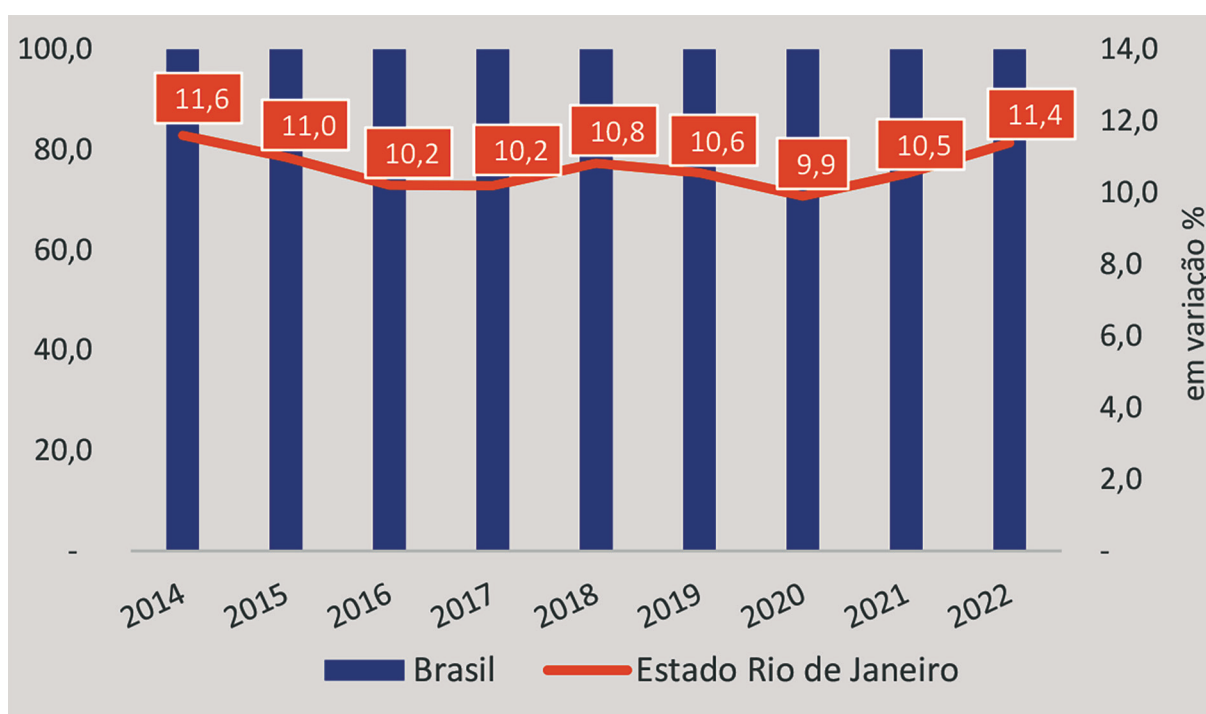
³ No momento dessa produção, a série de dados mais atualizada dos PIB do estado do RJ e da cidade do RJ terminam, respectivamente, nos anos 2022 e 2021.

cem forte influência sobre a dinâmica econômica fluminense. Em 2016, o aumento da participação da capital foi favorecido pela chamada “crise do petróleo”, que impactou negativamente municípios como Itaboraí, Macaé e Maricá, reduzindo a contribuição dessas localidades para o PIB estadual. Com a posterior recuperação desses municípios, impulsionada pela retomada do setor petrolífero, a participação relativa da cidade do Rio de Janeiro voltou a diminuir.

Além disso, em 2021, a retração dos setores de Serviços e Construção Civil — fortemente afetados pelos efeitos da pandemia de Covid-19 — também contribuiu para a queda da participação da cidade do Rio de Janeiro no PIB fluminense.

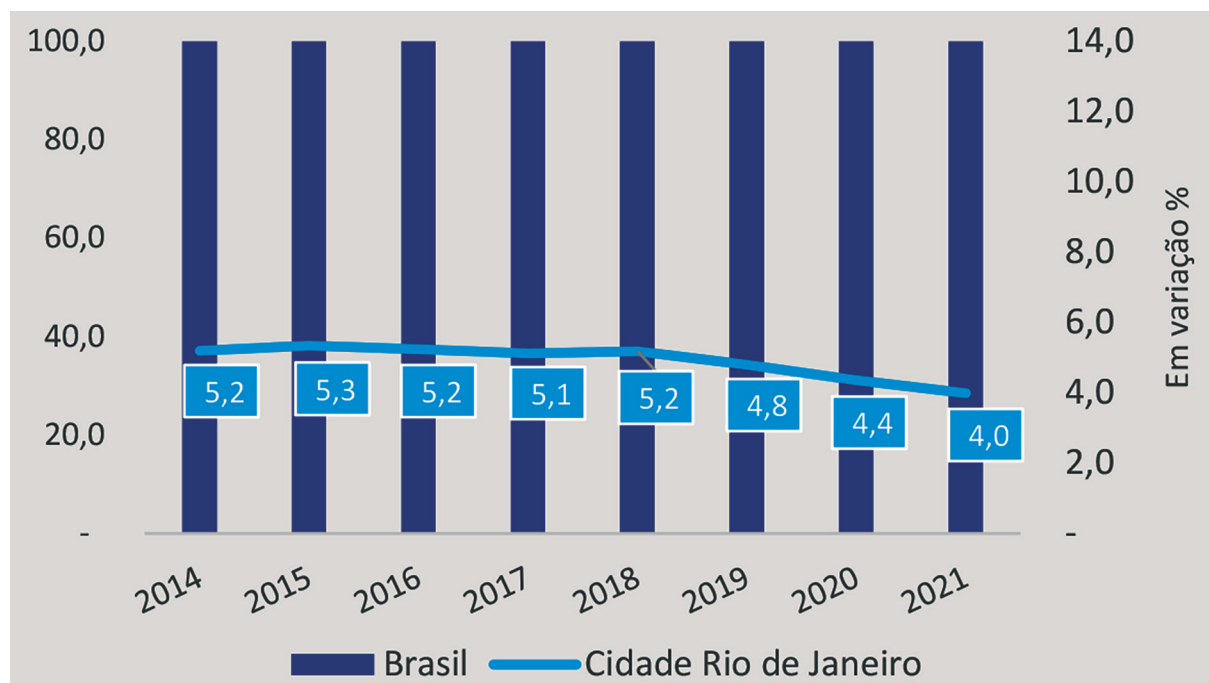
Em síntese, os dados apontam para um processo de reconfiguração econômica no estado do Rio de Janeiro, marcado pela redução da relevância relativa tanto da capital quanto do próprio estado no cenário nacional. Embora o município do Rio de Janeiro ainda mantenha papel central na economia fluminense, observa-se uma perda gradual de participação em favor de outras localidades impulsionadas pela expansão da Indústria Extrativa, sobretudo das atividades ligadas ao setor energético. Esse movimento evidencia a necessidade de diversificação produtiva e de políticas voltadas à inovação e competitividade regional, capazes de promover um crescimento mais equilibrado e sustentável no longo prazo.

GRÁFICO 2 – PARTICIPAÇÃO DO PIB DO ESTADO DO RJ NO PIB DO BRASIL



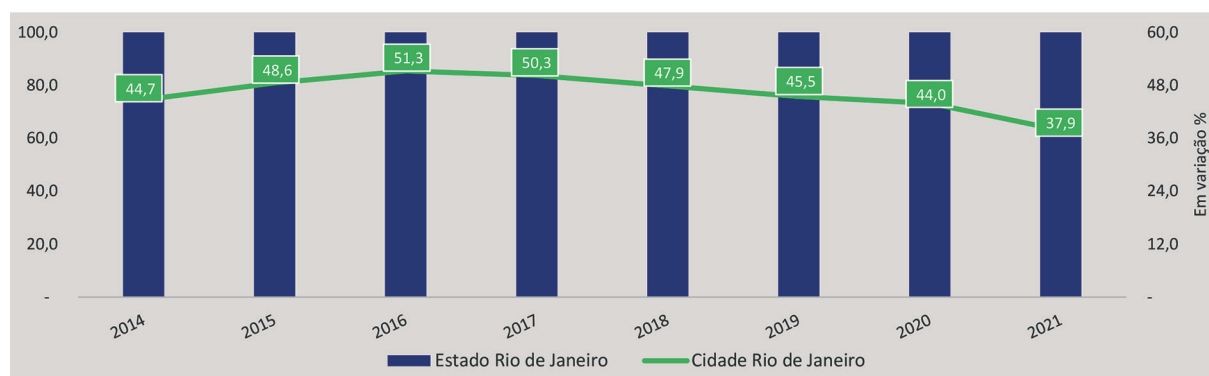
Fonte: Elaboração dos autores com base nos dados do IBGE.

GRÁFICO 3 – PARTICIPAÇÃO DO PIB DA CIDADE DO RJ NO PIB DO BRASIL



Fonte: Elaboração dos autores com base nos dados do IBGE.

GRÁFICO 4 – PARTICIPAÇÃO DO PIB DA CIDADE DO RJ NO PIB DO ESTADO DO RJ



Fonte: Elaboração dos autores com base nos dados do IBGE.



■ 1.2 Valor Adicionado Bruto (VAB)⁴ no PIB

Ao analisarmos o Valor Adicionado Bruto (VAB) dos principais setores da economia, constata-se que o VAB do Setor de serviços abarca a maior parcela na composição total do PIB brasileiro, variando entre R\$ 4,80 trilhões (2014) e R\$ 5,34 trilhões (2024) a preços correntes. É possível reparar ainda, que o referido setor apresenta uma leve desaceleração entre os anos 2014 e 2016, e recuperação gradual entre os anos 2017 e 2019. Já nos anos 2021 e 2022, verifica-se uma contração no VAB Serviços do Brasil, ocasionado sobretudo pelos efeitos da pandemia da COVID-19. Ademais, os dois últimos anos da análise demonstra uma recuperação do referido setor (**gráfico 5**).

O VAB indústria, por sua vez, apresenta um comportamento mais dinâmico. Nos primeiros períodos, há quedas em sua participação no PIB nacional, sugerindo desaceleração econômica e alguns desafios produtivos. Entretanto, nos períodos seguintes, observa-se uma leve melhoria.

Em 2021, o Valor Adicionado Bruto do setor Industrial alcançou R\$ 2,33 trilhões, impulsionado, sobretudo, pelo crescimento do segmento de “*Alimentos e Bebidas*”, favorecido pelas mudanças no comportamento do consumidor decorrentes do isolamento social, necessário para conter os avanços da pandemia da COVID-19 (**gráfico 5**).

Nos anos subsequentes à pandemia, o setor manteve trajetória de expansão, atingindo em 2022 o maior valor da série histórica, com R\$ 2,54 trilhões, refletindo o reaquecimento da demanda e a normalização das cadeias produtivas. Já em 2024, denota-se ausência de retração generalizada, mas sim um ajuste de mercado, compatível com o forte crescimento acumulado nos anos anteriores, indicando um movimento de estabilização da atividade industrial após o período de expansão mais intensa (**gráfico 5**).

No que se refere ao Valor Adicionado Bruto do setor Agropecuária, o **gráfico 5** demonstra, ao longo do período observado, pequenas variações negativas em seu montante, refletindo uma leve instabilidade de curto prazo. Contudo, durante os anos marcados pela pandemia da COVID-19, o setor demonstrou um desempenho mais robusto, registrando crescimento consistente e alcançando R\$ 0,69 trilhão em 2021. Tal fato está relacionado, principalmente, ao aumento da demanda internacional por *commodities*, impulsionado especialmente por países asiáticos, como a China.

Nos anos seguintes ao período pandêmico o VAB do setor Agropecuária demonstrou crescimento, registrando seu maior valor do período em análise (R\$ 0,72 trilhão em 2024). Esse avanço está atrelado, sobretudo, às sucessivas safras recordes de grãos aliados ao forte apetite global por alimentos.

Por fim, ao aprofundar a avaliação da estrutura produtiva nacional, nota-se na **tabela 2** que, embora o VAB da Indústria tenha apresentado uma variação positiva de

4 Valor Adicionado Bruto (VAB) - Valor que a atividade agrega aos bens e serviços consumidos no seu processo produtivo. É a contribuição ao PIB pelas diversas atividades econômicas, obtida pela diferença entre o valor bruto da produção e o consumo intermediário absorvido por essas atividades (IBGE, 2022).

11,7% entre os anos de 2014 e 2021, o desempenho do setor permanece significativamente inferior ao da Agropecuária, cujo VAB registrou um expressivo aumento de 56,8% no mesmo período. Por outro lado, o VAB Serviços apresentou variação negativa de -4,8%, reflexo, principalmente, dos impactos econômicos provocados pela pandemia da COVID-19.

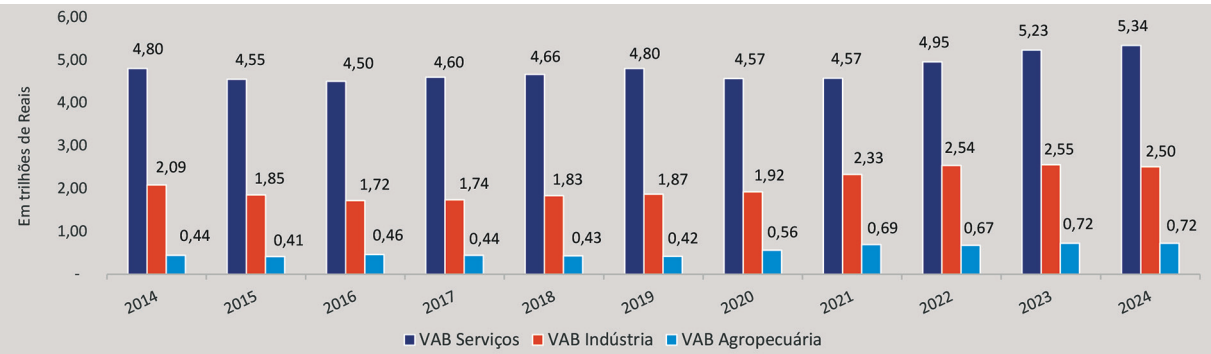
Ao estender a análise para o acumulado até 2024, observa-se uma recuperação do Valor Adicionado Bruto do setor de Serviços, que registra um avanço de 11,2% no período de dez anos. O setor Industrial também apresenta melhora em seu desempenho, com crescimento em torno de 20% na década analisada. Por fim, o VAB da Agropecuária, que já demonstrava expansão expressiva até 2021, amplia ainda mais seus ganhos, acumulando alta de aproximadamente 64% no intervalo de 2014 a 2024.

TABELA 2 – VARIAÇÃO DO VALOR ADICIONADO BRUTO NO PIB DO BRASIL

VARIAÇÃO VAB	2014 - 2021	2014 - 2024
VAB Serviços	-4,8%	11,2%
VAB Indústria	11,7%	20,1%
VAB Agropecuária	56,8%	64,1%

Fonte: Elaboração dos autores com base nos dados do IBGE.

GRÁFICO 5 – VALOR ADICIONADO BRUTO NO PIB DO BRASIL A PREÇOS CORRENTES - VALOR PRESENTE 2024



Fonte: Elaboração dos autores com base nos dados do IBGE.

Considerando o Valor Adicionado Bruto dos principais segmentos do setor Industrial — Indústria de Transformação e Indústria Extrativa — na composição total do PIB brasileiro, evidencia-se no **gráfico 6** dinâmicas estruturais distintas e determinantes na evolução de cada setor ao longo do período averiguado.

Em relação ao VAB da Indústria de Transformação observa-se que, no início da série, o setor apresentou perdas na sua participação entre os anos de 2014 (R\$ 1,05 trilhões) e 2016 (R\$ 1,01 trilhões). Essa redução indica um cenário de retração industrial, possivelmente relacionado com as instabilidades políticas e fiscais no contexto nacional, ocasionando queda na produção manufatureira (**gráfico 6**).

A partir desse ponto, o setor iniciou uma trajetória de recuperação gradual, com aumentos contínuos até alcançar R\$ 1,53 trilhões em 2023, o maior valor da série em análise. Esse avanço reflete uma retomada do dinamismo industrial, possivelmente impulsionada pela recuperação econômica nacional após a crise sanitária dos anos 2022-2021, com valorização de determinados segmentos industriais, tal como a metalurgia (**gráfico 6**).

No ano de 2024, contudo, observa-se uma ligeira redução do VAB da Indústria de Transformação para R\$ 1,45 trilhões, o que pode indicar um ajuste natural após o pico de crescimento recente (**gráfico 6**).

No que concerne ao VAB da indústria Extrativa, o **gráfico 6** demonstra uma queda acentuada entre os anos 2014 (R\$ 0,33 trilhão) e 2016 (R\$ 0,08 trilhão). Essa redução está relacionada à queda nos preços internacionais das *commodities*, à redução na produção de petróleo, gás e minérios, e à instabilidade econômica interna que afetou a demanda e os investimentos no setor.

Logo após, constata-se uma recuperação gradual, com o VAB da Indústria Extrativa subindo para R\$ 0,50 trilhão em 2021, culminando em R\$ 0,53 trilhão em 2022, o maior valor da série em destaque. Esse crescimento expressivo reflete uma retomada significativa das atividades extrativas, impulsionada pela valorização das *commodities* no mercado internacional, e pelo aumento das exportações de petróleo, gás e minérios.

Nos períodos mais recentes, contudo, o VAB da Indústria Extrativa no PIB brasileiro apresenta uma ligeira retração, caindo para R\$ 0,43 trilhão em 2024, indicando uma certa estabilização do setor após as expansões atípicas. Essa oscilação sugere que, embora a Indústria Extrativa tenha mantido um patamar elevado em relação aos anos iniciais, ainda é um setor altamente sensível às flutuações externas, como variações de preço e demanda internacional.

Vale destacar que, no contexto da economia nacional, a Indústria de Transformação mantém maior relevância, em termos monetários, em comparação à Extrativa na formação do Produto Interno Bruto, fato este contrário no estado do Rio de Janeiro, conforme será demonstrado mais a diante.

Ademais, é possível verificar na **tabela 3** diferenças significativas na variação do VAB dos setores citados, no período de 2014 a 2024.

Entre 2014 e 2021, o VAB da Indústria Extrativa apresentou crescimento acumulado de 52,4%, ritmo mais acelerado que o observado na Indústria de Transformação, cujo avanço foi de 19,1% no mesmo período. Esse resultado do setor Extrativo está associado, conforme já relatado, pelo aumento das exportações de *commodities*, além de ter se beneficiado da exploração de novos campos de produção de petróleo, o que contribuiu para a ampliação de sua capacidade produtiva.

No acumulado mais recente (2014 a 2024), observa-se uma inversão relativa de tendência: enquanto o VAB Extrativo registrou crescimento nominal de 31,2%, o setor de Transformação apresentou expansão de 38,1%. Essa mudança está associada à recuperação da atividade manufatureira pós-pandemia, à reativação de cadeias produtivas e readequação do parque industrial, ainda que em ritmo moderado.

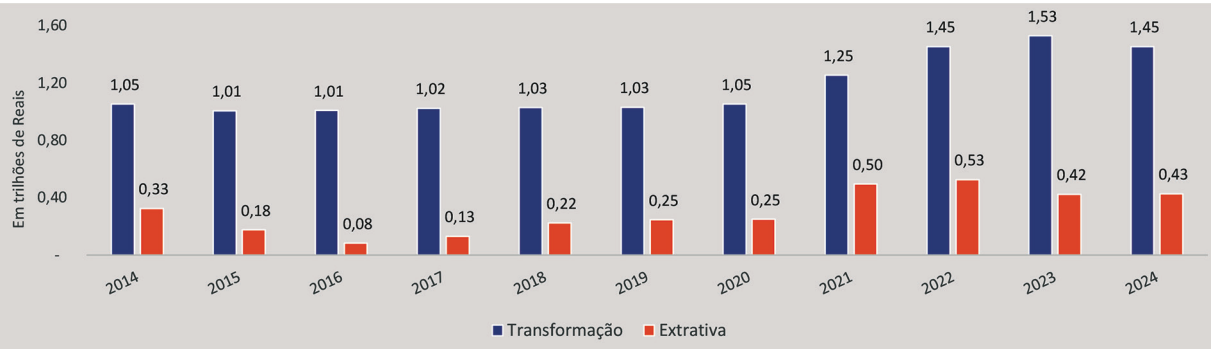
Em resumo, os dados indicam uma divergência no comportamento das duas principais atividades industriais do país, com o setor de Transformação recuperando parte das perdas acumuladas ao longo da década, enquanto o Extrativo mantém relevância, mas com desempenho mais contido no período recente.

TABELA 3 – VARIAÇÃO DO VAB DAS INDÚSTRIAS DE TRANSFORMAÇÃO E EXTRATIVA DO BRASIL

VARIAÇÃO VAB	2014 - 2021	2014 - 2024
Indústria de Transformação	19,1%	38,1%
Indústria Extrativa	52,4%	31,2%

Fonte: Elaboração dos autores com base nos dados do IBGE.

GRÁFICO 6 – VALOR ADICIONADO BRUTO DAS INDÚSTRIAS DE TRANSFORMAÇÃO E EXTRATIVA NO PIB DO BRASIL A PREÇOS CORRENTES - VALOR PRESENTE 2024



Fonte: Elaboração dos autores com base nos dados do IBGE.

Ao direcionarmos a análise do Valor Adicionado Bruto para os entes subnacionais, observa-se que o setor Serviços do estado do Rio de Janeiro, assim como no cenário nacional, mantém predominância na estrutura produtiva. No **gráfico 7** é possível verificar que o referido setor apresenta uma tendência gradual de redução ao longo dos anos. Sua participação diminui de R\$ 0,53 trilhão (2014) para R\$ 0,44 trilhão (2021), indicando perda de representatividade relativa no PIB fluminense. Esse comportamento está relacionado à desaceleração de alguns segmentos como comércio, transporte e turismo, sobretudo nos períodos de retração econômica e durante os impactos da pandemia da COVID-19. No ano de 2022, é possível verificar uma retomada setor de Serviços, em vista da normalização das atividades econômicas no período pós-pandemia.

O setor Industrial, por outro lado, apresenta oscilações mais acentuadas, variando entre R\$ 0,30 trilhão (2014) e R\$ 0,15 trilhão (2017), com uma recuperação perceptível no final da série, atingindo em 2022 R\$ 0,43 trilhão (**gráfico 7**). Essa trajetória reflete o comportamento cíclico da indústria do estado do Rio de Janeiro, afetada por crises econômicas, pela perda de competitividade e, posteriormente, por uma leve retomada impulsionada pelo bom desempenho polo da Indústria Extrativa, principalmente de petróleo e gás, haja vista que o segmento representa uma parcela considerável do complexo industrial fluminense.



Já o setor Agropecuário do estado do RJ expressa uma baixa representatividade na economia fluminense, mantendo sua participação praticamente constante ao longo da série histórica, apresentando uma média em torno de R\$ 0,005 trilhão (**gráfico 7**).

Por fim, observa-se na **tabela 4** que, entre 2014 e 2021, o Valor Adicionado Bruto apresentou comportamentos distintos entre as principais atividades da economia fluminense. O VAB do setor Serviços registrou uma queda de -17,2%, evidenciando uma retração nas atividades, decorrente principalmente das medidas de distanciamento social e restrições, necessárias para conter os avanços do Coronavírus nos anos 2020 e 2021. Em sentido oposto, o VAB do setor Industrial apresentou crescimento de 13,1%, impulsionado sobretudo pela Indústria Extrativa de petróleo e gás, cujos produtos foram beneficiados pela alta demanda no mercado global. Já a Agropecuária registrou uma variação positiva, porém modesta, de 2,1%, indicando estabilidade e menor oscilação em comparação aos demais setores.

Já no acumulado de 2014 a 2022 verifica-se uma amenização nas perdas do setor de Serviços, mas ainda com queda de -10,7%. O setor Indústria, por sua vez, apresenta uma aceleração no ritmo de expansão, com o VAB cumulando alta de 43,5%, resultado este impulsionado pela valorização de segmentos ligados à exportação e à cadeia de energia.

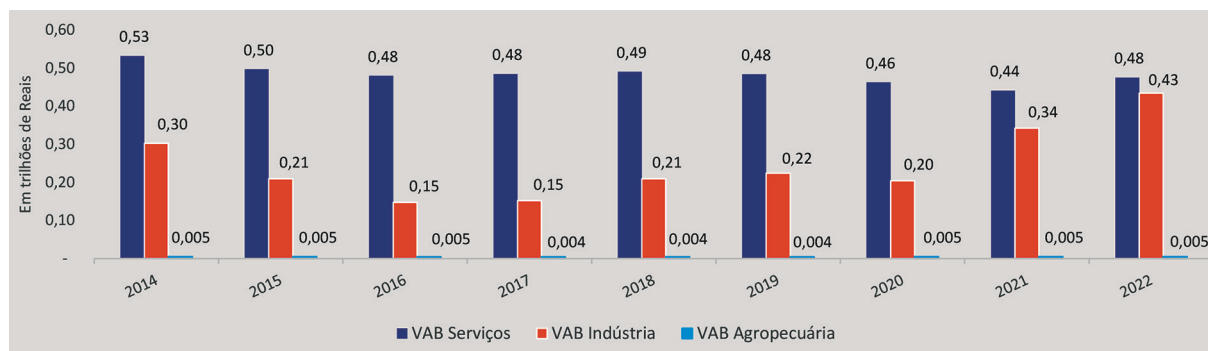
Por último, a Agropecuária apresentou retração de -4,4% no VAB entre 2014 e 2022, ocasionado principalmente por fatores climáticos, tais como os fortes deslizamentos e enchentes ocorridas na Região Serrana do estado do Rio de Janeiro.

TABELA 4 – VARIAÇÃO DO VALOR ADICIONADO BRUTO NO PIB DO ESTADO DO RJ

VARIAÇÃO VAB	2014 - 2021	2014 - 2024
VAB Serviços	-17,2%	-10,7%
VAB Indústria	13,1%	43,5%
VAB Agropecuária	12,1%	-4,4%

Fonte: Elaboração dos autores com base nos dados do IBGE.

GRÁFICO 7 – VALOR ADICIONADO BRUTO NO PIB DO ESTADO DO RJ A PREÇOS CORRENTES - VALOR PRESENTE 2024



Fonte: Elaboração dos autores com base nos dados do IBGE.

Encaminhando a análise para o Valor Adicionado Bruto da Indústria de Transformação e da Indústria Extrativa, na composição total do PIB do estado do Rio de Janeiro, verifica-se comportamentos bastante distintos entre ambos segmentos, refletindo assim as particularidades estruturais da economia do referido estado.

A Indústria de Transformação do estado fluminense apresentou estabilidade relativa, com valores próximos de R\$ 0,06 trilhão durante a maior parte do período analisado. Após um leve recuo em 2019, o setor mostrou recuperação moderada em 2021 (R\$ 0,08 trilhão), mas voltou a recuar levemente em 2022 (R\$ 0,07 trilhão). Esse comportamento indica limitações estruturais da base manufatureira do estado do RJ, marcada pela concentração em segmentos tradicionais e pela perda de competitividade diante de outras regiões mais industrializadas do país (**gráfico 8**).

O setor Extrativo, por outro lado, apresentou forte volatilidade ao longo do período. Em 2014, o VAB atingia R\$ 0,16 trilhão, mas sofreu uma acentuada retração até 2016, quando chegou ao menor nível da série histórica (R\$ 0,02 trilhão), influenciado principalmente pela queda dos preços internacionais do petróleo e pela redução da produção em campos maduros da Bacia de Campos. A partir de 2017, o segmento iniciou uma trajetória de recuperação consistente, sustentada pelo aumento da produção *offshore*, pela retomada de investimentos e pela entrada em operação de novos campos do Pré-sal. Em 2022, o VAB Extrativo do estado do RJ alcançou R\$ 0,36 trilhão, o maior valor da série, consolidando o setor como principal motor da atividade industrial fluminense (**gráfico 8**).

Em síntese, entre 2014 e 2022, a indústria do estado do Rio de Janeiro foi fortemente influenciada pelo dinamismo do setor Extrativo, em especial pela cadeia de petróleo e gás, enquanto a Indústria de Transformação manteve desempenho estável, com avanços pontuais, mas sem ganhos expressivos de participação no PIB estadual.

Insta destacar que o Estado do Rio de Janeiro apresenta uma configuração distinta do cenário nacional, uma vez que o peso da Indústria Extrativa em seu PIB é superior ao da Indústria de Transformação.

Por fim, observa-se na **tabela 5** que o Valor Adicionado Bruto da indústria fluminense entre os anos de 2014 a 2022 apresenta forte contraste entre os segmentos Extrativo e de Transformação, evidenciando que a estrutura produtiva do estado do RJ é fortemente concentrada na cadeia de petróleo e gás.

Entre 2014 e 2021, o setor Extrativo apresentou expansão de 38,5%, já sinalizando recuperação após o período de retração de 2014–2016, quando a queda nos preços internacionais do petróleo e a redução da produção impactaram fortemente o desempenho estadual. Conforme já mencionado a retomada das atividades *offshore* e o avanço da exploração no Pré-sal sustentaram o crescimento no período.

Contudo, foi entre 2014 e 2022 que o setor Extrativo registrou um salto expressivo de 132,2%, impulsionado pelo aumento da produção de petróleo, pela valorização das *commodities* energéticas e pela ampliação dos investimentos na indústria de óleo e gás.

Em contraste, o desempenho da Indústria de Transformação foi modesto. O VAB do setor cresceu 22,9% entre 2014 e 2021, mas apresentou expansão acu-

mulada de apenas 14,6% até 2022, sugerindo perda de dinamismo no período recente. A estagnação reflete a baixa diversificação industrial do estado fluminense e a menor competitividade frente a outras regiões mais industrializadas do país (**tabela 5**).

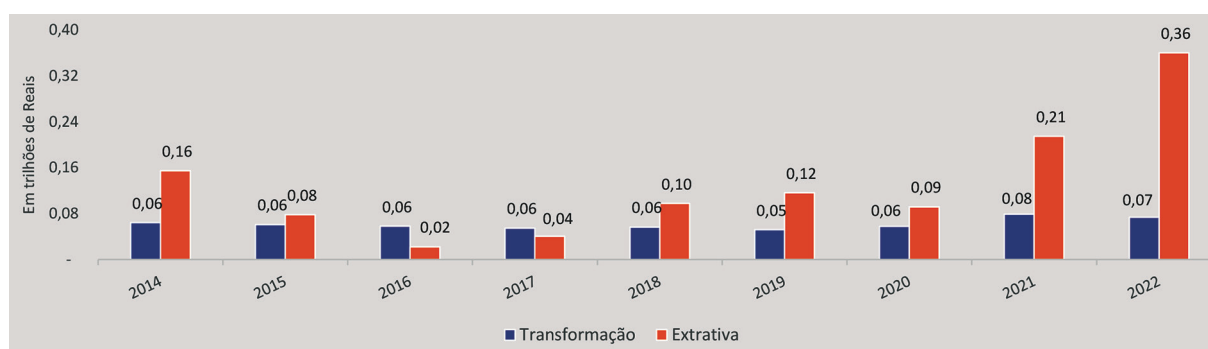
Em conclusão, os dados reforçam a dependência estrutural da economia fluminense em relação a indústria Extrativa especialmente à cadeia petrolífera, enquanto o setor de Transformação mantém crescimento limitado, com necessidade de políticas de estímulo à inovação e à reindustrialização.

TABELA 5 – VARIAÇÃO DO VAB DAS INDÚSTRIAS DE TRANSFORMAÇÃO E EXTRATIVA DO ESTADO DO RJ

VARIAÇÃO VAB	2014 - 2021	2014 - 2024
Indústria de Transformação	22,9%	14,6%
Indústria Extrativa	38,5%	132,2%

Fonte: Elaboração dos autores com base nos dados do IBGE.

GRÁFICO 8 – VALOR ADICIONADO BRUTO DAS INDÚSTRIAS DE TRANSFORMAÇÃO E EXTRATIVA NO PIB DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO A PREÇOS CORRENTES - VALOR PRESENTE 2024



Fonte: Elaboração dos autores com base nos dados do IBGE.

No caso da Cidade do Rio de Janeiro, observa-se que o VAB do setor de Serviços também apresenta grande relevância na composição do PIB municipal, destacando-se como o principal componente da economia local. Entretanto, conforme ilustrado no **gráfico 9**, nota-se uma tendência de queda gradual, com valores que passam de R\$ 2,80 bilhões em 2014 para R\$ 2,07 bilhões em 2021.

Embora os impactos da pandemia de COVID-19 tenham acentuado essa retração, é importante destacar que o referido setor já apresentava uma redução contínua na geração de riqueza relativa nos anos anteriores, possivelmente associada à desaceleração do consumo interno e à perda de dinamismo em atividades tradicionais de serviços da economia carioca.

Já o VAB da indústria carioca apresenta maior volatilidade ao longo do período analisado. Constata-se uma retração contínua entre 2014 (R\$ 0,71 bilhão) e 2017 (R\$ 0,47 bilhão), seguida por uma leve recuperação em 2021 (R\$ 0,53 bilhão). Apesar de indicar uma tendência positiva, esse resultado ainda se mantém abaixo do patamar registrado em 2014 (**gráfico 9**).

A perda de dinamismo da indústria da cidade do Rio de Janeiro reflete tanto os desafios estruturais do setor — como o aumento dos custos e a perda de competitividade — quanto sinais de uma retomada gradual, impulsionada principalmente pela forte elevação das exportações, com destaque para o segmento petrolífero.

Em contrapartida, o setor Agropecuário demonstra estabilidade absoluta, com valores em torno de R\$ 0,001 bilhão durante todo o período. Embora sua representatividade no PIB carioca seja reduzida, o setor mantém consistência e resiliência, sustentando uma contribuição contínua, ainda que modesta, para a economia do município (**gráfico 9**).

Por fim, a **Tabela 6** evidencia que, entre os anos de 2014 e 2021, o Valor Adicionado Bruto da cidade do Rio de Janeiro apresentou desempenho negativo nos principais setores econômicos, com exceção da Agropecuária. O setor de Serviços, tradicionalmente o mais representativo da economia carioca, registrou uma queda expressiva de -25,9%, refletindo a forte retração das atividades comerciais, turísticas e de prestação de serviços, especialmente durante os períodos de crise econômica e das restrições sanitárias impostas pela pandemia da Covid-19. De forma semelhante, o setor Industrial apresentou uma redução de -25,2%, indicando perda de dinamismo e possíveis dificuldades estruturais relacionadas à desindustrialização e à menor competitividade local.

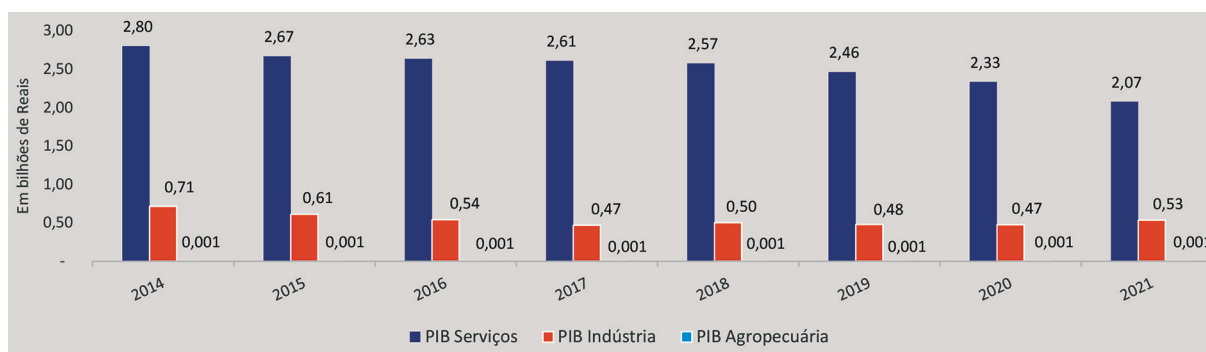
Em contraste, o setor Agropecuário mostrou leve crescimento de 1,8% no mesmo período, o que sugere estabilidade relativa e menor vulnerabilidade às flutuações econômicas que afetaram os demais segmentos.

TABELA 6 – VARIAÇÃO DO VALOR ADICIONADO BRUTO DA CIDADE DO RJ

VARIAÇÃO VAB 2014 - 2021	
VAB Serviços	-25,9%
VAB Indústria	-25,2%
VAB Agropecuária	1,8%

Fonte: Elaboração dos autores com base nos dados do IBGE.

GRÁFICO 9 – VALOR ADICIONADO BRUTO NO PIB DA CIDADE DO RJ A PREÇOS CORRENTES - VALOR PRESENTE 2024



Fonte: Elaboração dos autores com base nos dados do IBGE.

■ 1.3 Participação do Setor Industrial no PIB⁵

Entre 2014 e 2021, a participação das indústrias no PIB brasileiro apresentou variações significativas, refletindo os ciclos econômicos do período. Em 2014, o setor industrial representava 20,5% do PIB, mas esse percentual sofreu uma queda contínua até 2016 (16,8%), em parte resultado das instabilidades entre os poderes Executivo e Legislativo entre 2015 e 2016 (**gráfico 10**).

A partir de 2017, observa-se uma ligeira recuperação, com a participação industrial oscilando entre 17,1% e 18,9% até 2020. Esse movimento indica certa estabilidade, ainda que em um patamar inferior ao observado antes da crise.

Em 2021, destaca-se uma elevação expressiva para 22,9%. Esse aumento pode estar relacionado à recuperação econômica pós-pandemia da COVID-19, ao aumento dos preços das *commodities* e à revalorização da produção industrial, especialmente em setores ligados à exportação e à Indústria Extrativa (**gráfico 10**).

De modo geral, o período revela uma trajetória de queda e posterior recuperação da relevância industrial na economia nacional, refletindo tanto desafios estruturais quanto movimentos conjunturais da economia brasileira.

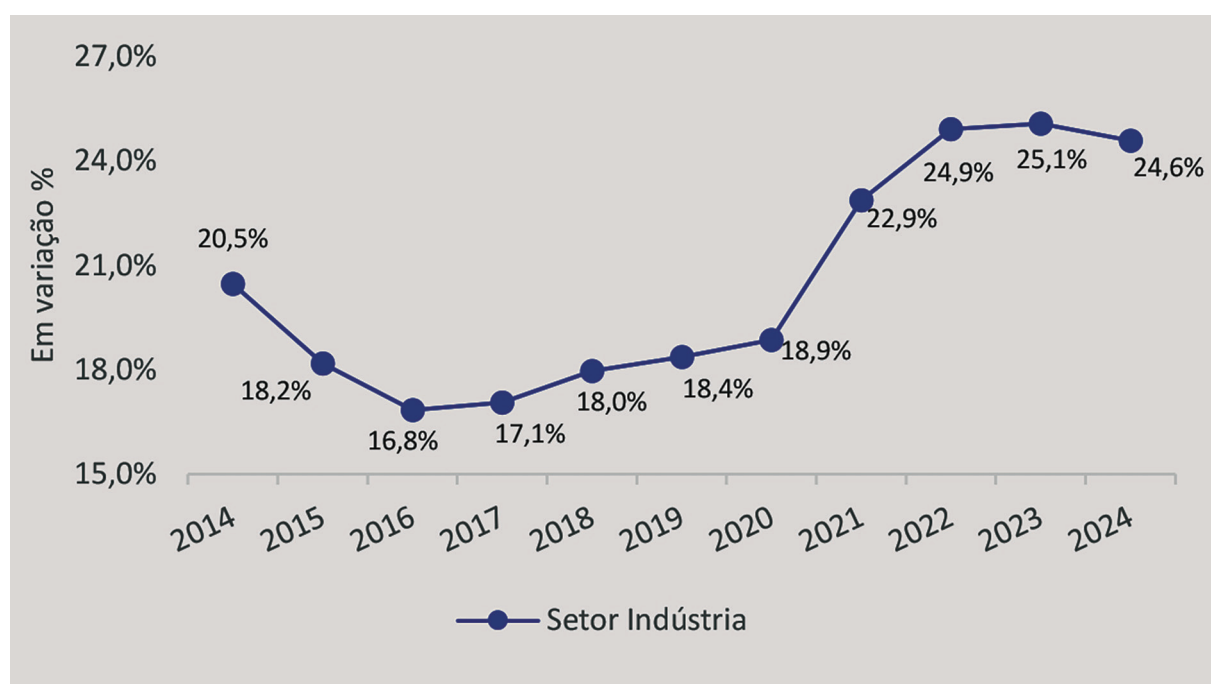
Quando se analisa o peso dos principais setores industriais no PIB do Brasil denota-se que a Indústria de Transformação manteve relativa estabilidade entre 2014 e 2020, oscilando em torno de 10% do PIB, com leve retração nos anos de menor dinamismo econômico. A partir de 2021, observa-se uma trajetória de expansão significativa, alcançando 12,3% em 2021 e atingindo o pico de 15,0% em 2023, refletindo a recuperação pós-pandemia, o aumento da demanda interna e externa e a valorização de alguns segmentos industriais. Em 2024, o setor registra leve recuo para 14,3%, sinalizando um processo de acomodação após o forte crescimento recente (**gráfico 11**).

Já a indústria Extrativa apresentou comportamento mais volátil, com forte retração entre 2014 e 2016 — quando sua participação caiu de 3,2% para 0,8% — em decorrência da queda dos preços internacionais das *commodities* e da desaceleração da produção mineral e petrolífera. A partir de 2017, o setor iniciou uma recuperação gradual, impulsionada pela retomada das exportações e, sobretudo, pelo bom desempenho da extração de petróleo e gás natural. Entre 2021 e 2022, a participação do setor Extrativo chegou a 5,2%, sustentada pela alta nos preços internacionais da energia, estabilizando-se em 4,2% nos dois anos seguintes (**gráfico 11**).

De forma geral, a indústria brasileira recupera espaço no PIB nacional após um longo período de estagnação, com destaque para a retomada recente da Indústria de Transformação, enquanto a Extrativa mantém papel relevante e sensível às oscilações do mercado global.

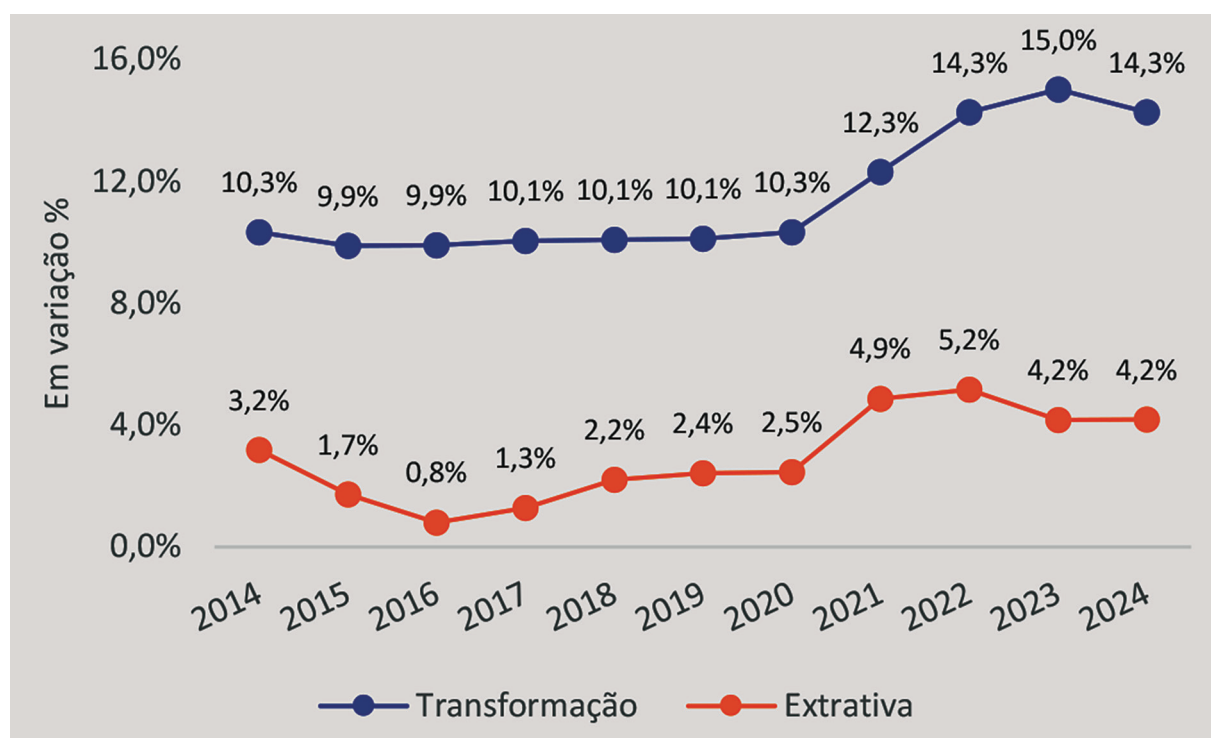
5 A participação do setor industrial no Produto Interno Bruto (PIB) representa a parcela do total da renda gerada na economia que é proveniente das atividades industriais. Esse indicador expressa, em termos percentuais, o peso relativo da indústria na estrutura produtiva, permitindo avaliar sua importância econômica em determinado território — seja o país, o estado ou o município. O cálculo é realizado a partir da razão entre o Valor Adicionado Bruto (VAB) da indústria e o PIB total, multiplicada por 100. Assim, o indicador não mede apenas o volume produzido pelo setor, mas sua contribuição proporcional dentro do conjunto da economia. Quanto maior o percentual, maior é a relevância da indústria na geração de renda e no dinamismo econômico local.

GRÁFICO 10 – PARTICIPAÇÃO DO SETOR INDUSTRIAL NO PIB DO BRASIL



Fonte: Elaboração dos autores com base nos dados do IBGE.

GRÁFICO 11 – PARTICIPAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DE TRANSFORMAÇÃO E EXTRATIVA NO PIB DO BRASIL



Fonte: Elaboração dos autores com base nos dados do IBGE.

No que diz respeito ao estado do Rio de Janeiro, no ano de 2014 a participação da indústria no PIB fluminense foi bem relevante (25,6%) tendo apresentado uma acentuada queda nos anos seguintes (2015 a 2017), chegando ao resultado mais baixo da série em 2016 (12,5%), refletindo os desdobramentos da “crise do petróleo” do estado



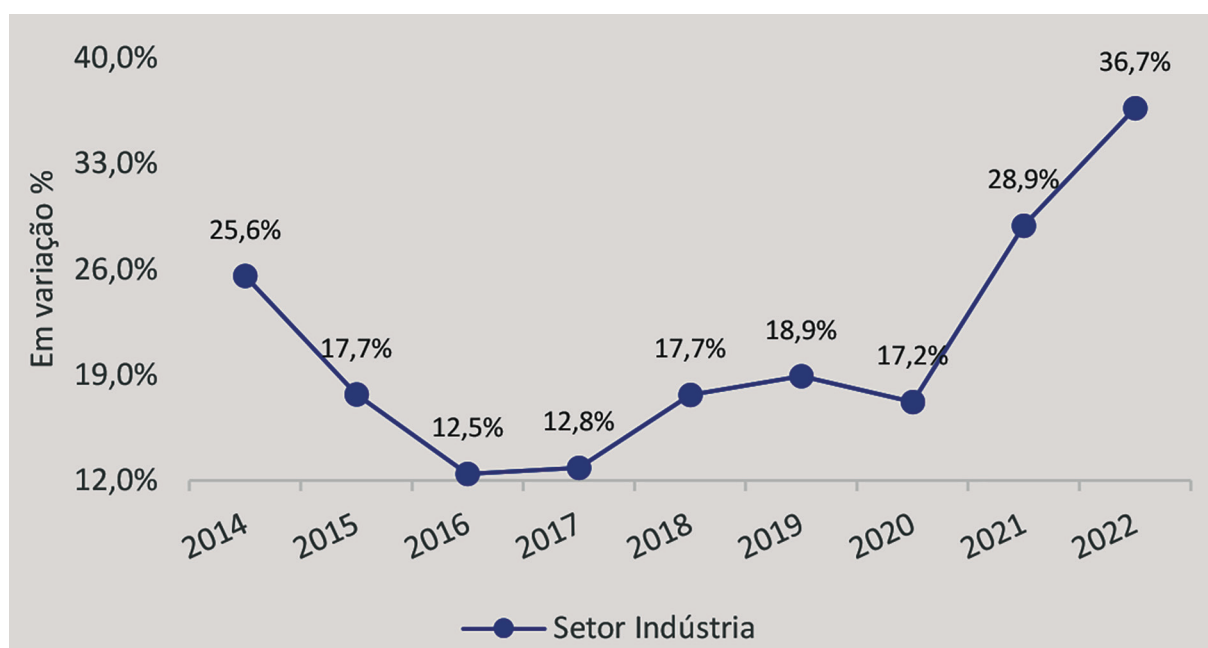
nos anos de 2015 e 2016. A partir do ano de 2018 o setor começa a se recuperar, passando a ter uma participação de 17,7% e 18,9% em 2019, recuando um pouco em 2020 (17,2%) – ano da pandemia da COVID-19 – desde então a participação da indústria no PIB fluminense tem se ampliado, atingindo o melhor valor da série em 2022 (36,7%), aumento relacionado ao desempenho do setor petrolífero (**gráfico 12**).

Quanto aos principais setores industriais – Extrativa e Transformação – pode-se observar que no estado do Rio de Janeiro eles apresentam trajetórias muito distintas. A Indústria de Transformação tem uma participação mais linear entre os anos de 2014 e 2020, variando entre 5,4% (2014) e 4,9% (2020). Apenas nos anos de 2021 e 2022 foi observada uma pequena variação para cima, alcançando 6,7% e 6,2%, respectivamente (**gráfico 13**).

Já a Indústria Extrativa apresentou uma forte queda nos anos de 2015 e 2016 – anos da crise brasileira e forte recessão, bem como queda do valor internacional do petróleo e crise fluminense – atingindo o pior patamar em 2016 (1,9%). A partir do ano de 2017 o setor começou a mostrar indícios de recuperação, chegando até 9,9% no ano de 2019, caindo novamente em 2020 (7,8%), por conta da retração da demanda do mercado internacional durante a pandemia do Coronavírus (**gráfico 13**).

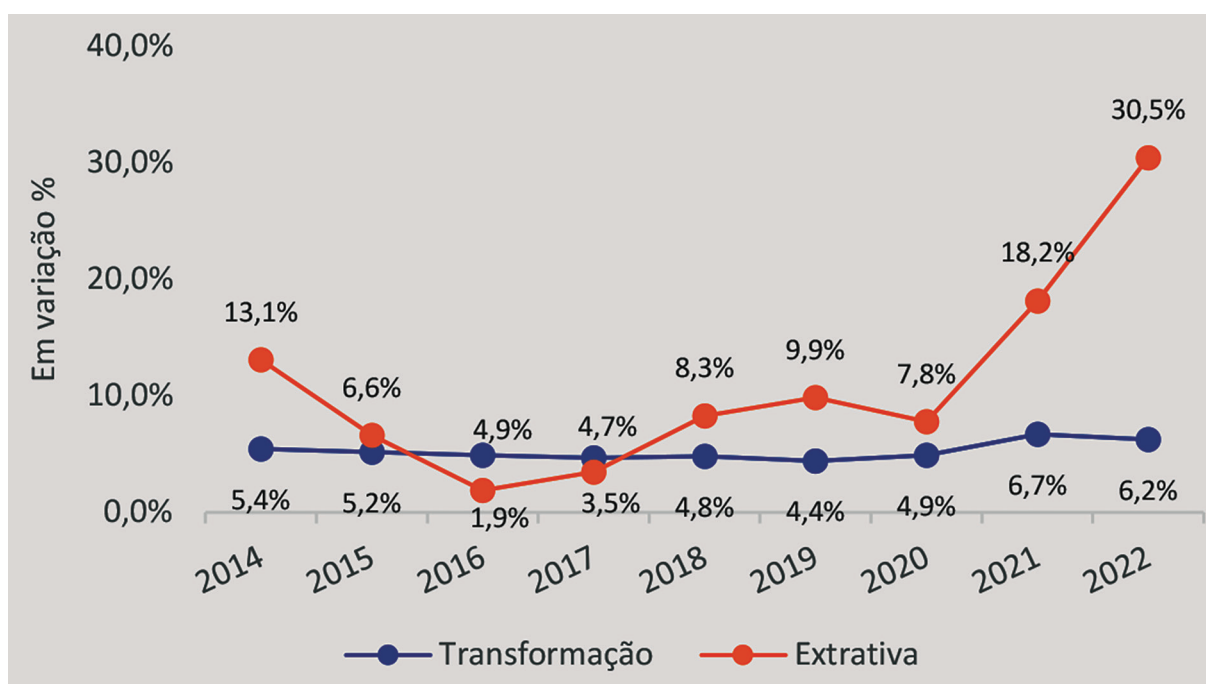
A partir do ano de 2021, a participação do setor Extrativo no PIB fluminense dá um salto, crescendo mais que o dobro (de 7,8% para 18,2% entre 2020 e 2021 e de 18,2% para 30,5% entre 2021 e 2022). O grande protagonista desse “boom” foi a exploração de petróleo e gás natural impulsionada, sobretudo, pela alta dos preços internacionais do barril de petróleo tipo *Brent* – fruto da guerra entre Rússia e Ucrânia – e como consequência aumento da produção. Esse movimento do mercado internacional de petróleo e desempenho da produção fluminense se reflete tanto na participação do setor Extrativo no PIB do estado, quanto no aumento do PIB do país no mesmo período (**gráfico 13**).

GRÁFICO 12 – PARTICIPAÇÃO DO SETOR INDÚSTRIA NO PIB DO ESTADO DO RJ



Fonte: Elaboração dos autores com base nos dados do IBGE.

GRÁFICO 13 – PARTICIPAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DE TRANSFORMAÇÃO E EXTRATIVA NO PIB DO ESTADO DO RJ



Fonte: Elaboração dos autores com base nos dados do IBGE.

No que tange à cidade do Rio de Janeiro, a participação do setor industrial no PIB apresentou uma queda significativa ao longo dos anos de 2015 e 2017, devido a profunda recessão nacional, queda do preço do barril de petróleo que impactou toda a cadeia produtiva no estado e na cidade e ainda uma paralisação nos investimentos por conta da Operação Lava Jato e as investigações na Petrobrás e nas empreiteiras (**gráfico 14**).

A partir do ano de 2018 houve uma leve recuperação, chegando a 9,5% de participação no PIB Carioca. Esse restabelecimento deve-se à retomada das atividades econômicas pós-crise e recuperação dos preços do petróleo. Apesar disso, a partir de 2018, essa se manteve lenta, oscilando de 9,5% (2018) para 9,1% (2019) e 9% (2020). Em 2021, o percentual aumentou para 10,1%, mas ainda está abaixo do resultado observado em 2014 (13,5%), percentual mais alto da série temporal (**gráfico 14**).

GRÁFICO 14 – PARTICIPAÇÃO DO SETOR INDUSTRIAL NO PIB DA CIDADE DO RJ



Fonte: Elaboração dos autores com base nos dados do IBGE.

Entre 2015 e 2016, o estado do Rio de Janeiro enfrentou uma das mais severas crises econômicas de sua história recente, fortemente influenciada pela abrupta queda dos preços internacionais do petróleo. Até 2014, o barril do tipo *Brent* era comercializado em torno de US\$ 100, mas, a partir de 2015, iniciou-se uma trajetória acentuada de desvalorização, chegando a ser negociado por menos de US\$ 30 em 2016.

Essa queda dos preços do petróleo foi resultado de um conjunto de fatores estruturais. A produção em larga escala de petróleo de Xisto nos Estados Unidos elevou significativamente a oferta global, pressionando o mercado. Em resposta, a OPEP optou por manter sua produção elevada para preservar participação de mercado, o que ampliou ainda mais o excesso de petróleo disponível. Simultaneamente, a demanda mundial cresceu menos do que o previsto, em função da desaceleração da economia chinesa, do baixo dinamismo na Europa e da instabilidade em países emergentes. Esse cenário de oferta elevada e demanda enfraquecida levou ao acúmulo de estoques internacionais e à consequente queda generalizada dos preços.

Para o estado do Rio de Janeiro, altamente dependente do setor de óleo e gás, os impactos foram profundos. As receitas de *Royalties* e Participações Especiais registraram forte retração, afetando diretamente o orçamento estadual. Além disso, o setor petrolífero sofreu uma desaceleração marcada pela redução dos investimentos da Petrobras e pela paralisação de projetos *offshore*, agravada pelo contexto nacional de instabilidade política e pelos desdobramentos da Operação Lava Jato. Esse movimento resultou no fechamento de estaleiros, em demissões em massa e na queda significativa da atividade industrial em municípios com forte dependência da cadeia petrolífera, como Macaé, Itaboraí e Campos dos Goytacazes.

O conjunto desses fatores desencadeou uma recessão profunda no estado do Rio de Janeiro, acompanhada pela elevação do desemprego e pela deterioração das contas públicas, contribuindo para o agravamento da crise fiscal entre 2015 e 2016. A perda de dinamismo da indústria ligada ao petróleo e a brusca redução das receitas evidenciaram a vulnerabilidade estrutural da economia fluminense e os riscos associados à dependência excessiva de um único setor para sustentar a atividade econômica e o equilíbrio fiscal.



■ 1.4 Considerações Finais

A análise do desempenho econômico do Brasil, do Estado do Rio de Janeiro e da Cidade do Rio de Janeiro ao longo da última década revela um cenário marcado por forte volatilidade, choques externos e desafios estruturais persistentes. Embora o PIB nacional tenha retomado sua trajetória de crescimento a partir de 2017 e consolidado certa recuperação após a pandemia da COVID-19, essa expansão ocorreu de forma desigual entre setores e regiões, evidenciando a centralidade crescente do setor Agropecuário e da Indústria Extrativa — especialmente em momentos de valorização internacional das *commodities*.

No caso fluminense, a recuperação recente se apoia de maneira decisiva na cadeia de petróleo e gás, cuja expansão elevou tanto o PIB estadual quanto a participação da indústria no total da economia. Entretanto, esse dinamismo setorial contrasta com a estagnação de segmentos manufatureiros e com a redução prolongada da participação dos serviços, sugerindo uma dependência estrutural que amplia a vulnerabilidade do estado frente às oscilações externas. A perda relativa de participação do Estado do RJ no PIB nacional reforça a necessidade de reconfiguração produtiva e diversificação da atividade econômica.

A Cidade do Rio de Janeiro, em particular, apresenta trajetória preocupante, marcada por retração significativa no setor de Serviços e perda contínua de peso relativo tanto no contexto estadual quanto nacional. Esse movimento expressa não apenas os impactos da crise do Coronavírus, mas também a diminuição do dinamismo econômico local, a migração de atividades para outros municípios e a fragilidade estrutural de sua base produtiva, sobretudo no que diz respeito ao setor industrial.

Como síntese, os resultados apontam que, embora Brasil e o Estado do Rio de Janeiro tenham registrado recuperação no período pós-pandemia, apenas parte desse avanço representa retomada estrutural. No âmbito fluminense, o crescimento recente se mostrou altamente concentrado na Indústria Extrativa, enquanto os demais setores apresentaram desempenho modesto ou negativo. Já no município do Rio de Janeiro, a falta de diversificação e a redução da atividade industrial e de serviços evidenciam um processo de perda de protagonismo econômico.

Diante desse panorama, torna-se evidente a importância de políticas voltadas à diversificação produtiva, à inovação tecnológica, ao fortalecimento dos serviços de maior valor agregado e à reindustrialização inteligente. Apenas com uma agenda consistente de competitividade regional, integração produtiva e estímulo a novos setores será possível reverter a tendência de estagnação e construir um crescimento mais equilibrado, resiliente e sustentável no longo prazo.



An aerial photograph of a port area, showing numerous yellow shipping containers stacked in rows. A road or railway track runs through the center of the container yard. In the background, there are some buildings and a body of water. The entire image is covered with a semi-transparent yellow overlay.

2 | COMÉRCIO EXTERIOR

■ Comércio Exterior

A análise do comércio exterior de um país é essencial para compreender o movimento de expansão de mercado para as empresas e como isso impacta a produção, o investimento e o emprego. As exportações aumentam a demanda agregada e o PIB, e ampliam as divisas que são fundamentais para financiar importações, dívidas externas e investimentos. As exportações geram emprego e renda, e as importações aumentam a oferta de bens e serviços, barateando o consumo e ampliando o poder de compra das famílias.

A despeito disso, o comércio exterior também aponta as fragilidades da economia de um país, especialmente dos países com pauta exportadora mui baseada principalmente na produção e venda de *commodities*, setor com produtos muito dependentes da estabilidade do comércio internacional e muito sensíveis aos choques externos, principalmente de preços. Do ponto de vista das importações, um país que importa muito também pode sinalizar uma dependência externa e uma produção interna insuficiente que precisa ser coberta pela compra de produtos de fora em detrimento da produção interna.

Na ótica da demanda agregada, temos:

$$\text{PIB} = \text{C} + \text{I} + \text{G} + (\text{X} - \text{M})$$

Onde:

C = Consumo das famílias

I = Investimentos

G = Gastos do governo

X = Exportações

M = Importações

O comércio exterior manifesta-se na balança comercial (X-M), ou exportações líquidas e sua importância está em avaliar, através do balanço de pagamentos, se o país apresenta *déficit* ou *superávit* externo – diminuindo ou aumentando o PIB, respectivamente. O **gráfico 15** apresenta a taxa de variação do índice de volume trimestral¹ das importações e exportações para a série histórica de 2014 a 2024, já apontando dados do primeiro semestre de 2025.

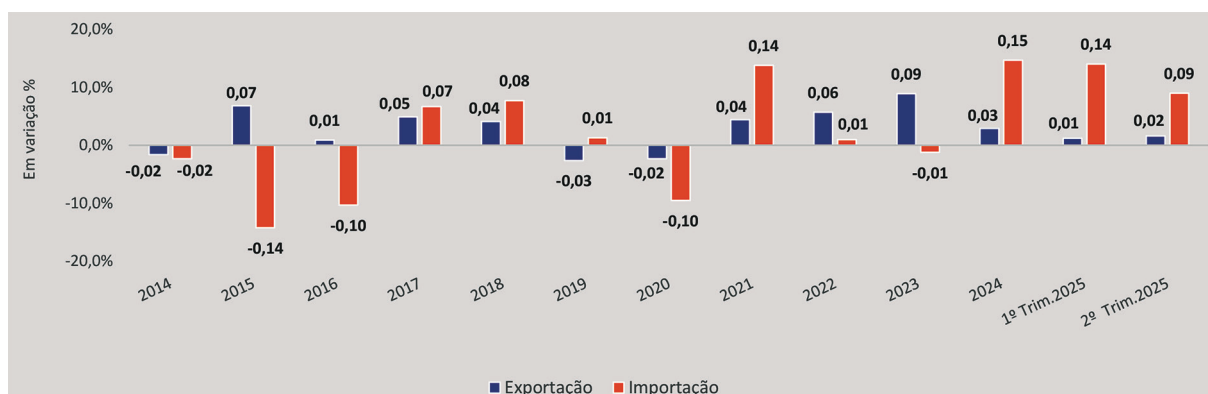
É possível observar que as importações tiveram uma variação negativa do volume acumulado no ano nos anos de 2014 a 2016, principalmente no ano de 2015, voltando a cair em 2020. No período de 2014 a 2016, o Brasil viveu a pior recessão da sua história recente, com um decréscimo do PIB em mais de 3% ao ano. Em períodos de recessão, o consumo é reduzido e consequentemente a necessidade de importação de bens e serviços também, o que culmina em forte retração no seu comércio exterior.

¹ Taxas já ajustadas para preços. Isso significa que o que se analisa é mais a quantidade física (volume) de atividade, não um valor em reais que misturaria efeitos de preço/inflação.

Do ponto de vista do câmbio, o supracitado período também é marcado pela desvalorização cambial – o que encareceu as importações – e queda nos preços das *commodities*. Da perspectiva política, o período é marcado por uma forte crise e instabilidade política e por um aumento da incerteza que se desdobrou em queda dos investimentos públicos e privados. Ademais, a operação Lava Jato paralisou diversos projetos das empreiteiras e da Petrobrás, reduzindo consideravelmente a aquisição de bens de capital importados.

Já no ano de 2020, o Brasil e o mundo tiveram a sua economia impactada pela pandemia da COVID-19, a produção e o comércio foram interrompidos, e por consequência, a importação de bens foi reduzida. O ambiente de incertezas diminuiu a execução de investimento para projetos e gastos. Com a queda da renda das famílias, a demanda foi reduzida e mais uma vez isso empurrou para baixo a necessidade de importação. O desempenho das exportações entre 2024 e o primeiro semestre de 2025 foi de baixo crescimento, influenciado pela depressão dos preços internacionais e por resultados modestos em determinadas safras. Vale ressaltar que economias cujas exportações se concentram em *commodities* são particularmente sensíveis à conjuntura de preços externos, o que tende a refrear a expansão dos volumes exportados.

GRÁFICO 15- TAXA DE VARIAÇÃO DAS IMPORTAÇÕES E EXPORTAÇÕES DO BRASIL - TAXA ACUMULADA AO LONGO DO ANO (EM RELAÇÃO AO MESMO PERÍODO DO ANO ANTERIOR)

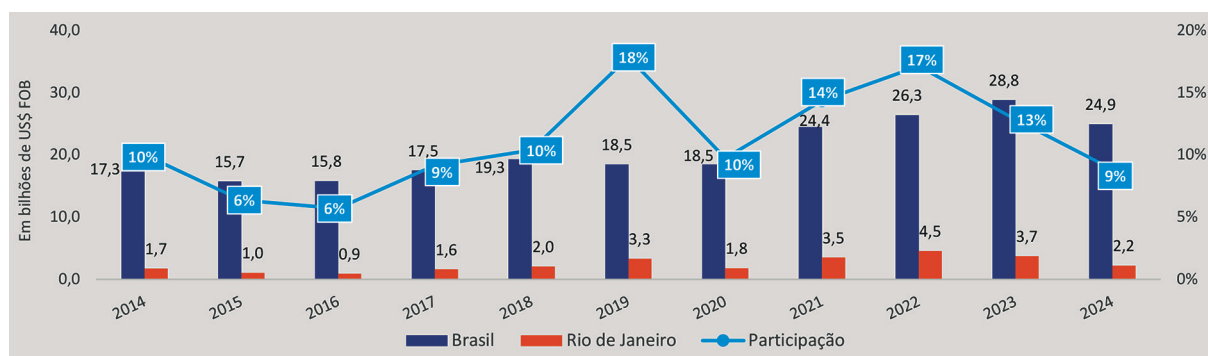


Fonte: Elaboração dos autores com base nos dados do IBGE.

O **gráfico 16** traz os valores em bilhão de Dólares *Free on Board*² (FOB) das exportações do Brasil nos anos de 2014 a 2024, bem como as exportações do estado do RJ e sua participação nas exportações nacionais. É possível observar que a participação do Estado fluminense variou poucos nos dez anos observados, tendo uma queda maior no ano de 2015 e 2016, ano que além da crise nacional, o estado do RJ teve um colapso financeiro devido à queda nos preços do petróleo. Quanto à participação das exportações, os anos de 2019 e 2022 tiveram um grande salto explicado pelo comportamento do setor de petróleo e gás que teve sua produção aumentada.

2 Quando as obrigações do vendedor se encerram no país de origem, sendo todos os procedimentos e taxas posteriores de responsabilidade do comprador.

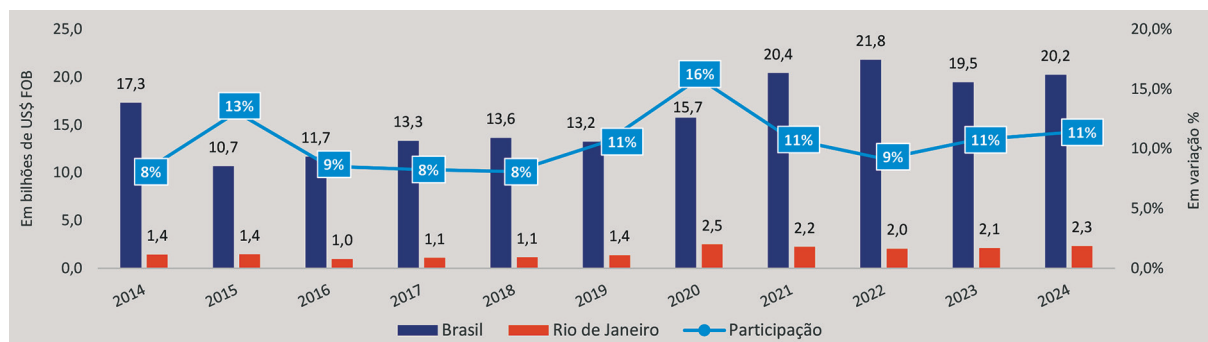
GRÁFICO 16 – PARTICIPAÇÃO DAS EXPORTAÇÕES DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO NAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS



Fonte: Elaboração dos autores com base em dados do Comexstat/MDIC.

O mesmo observa-se nas importações (**gráfico 17**), ao longo da série histórica estudada (2014 – 2024), as importações brasileiras tiveram uma retração nos anos da crise de 2015 e 2016, voltando a crescer durante o ano de 2020 e a participação do Estado do RJ também caiu no ano de 2016. Durante a pandemia da COVID-19, em 2020, as importações brasileiras aumentaram um pouco, puxadas por alguns setores específicos (produtos médicos hospitalares, alimentos e produtos de higiene que tiveram imposto de importação reduzido a zero (MGI, 2020).

GRÁFICO 17 – PARTICIPAÇÃO DAS IMPORTAÇÕES DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO NAS IMPORTAÇÕES BRASILEIRAS



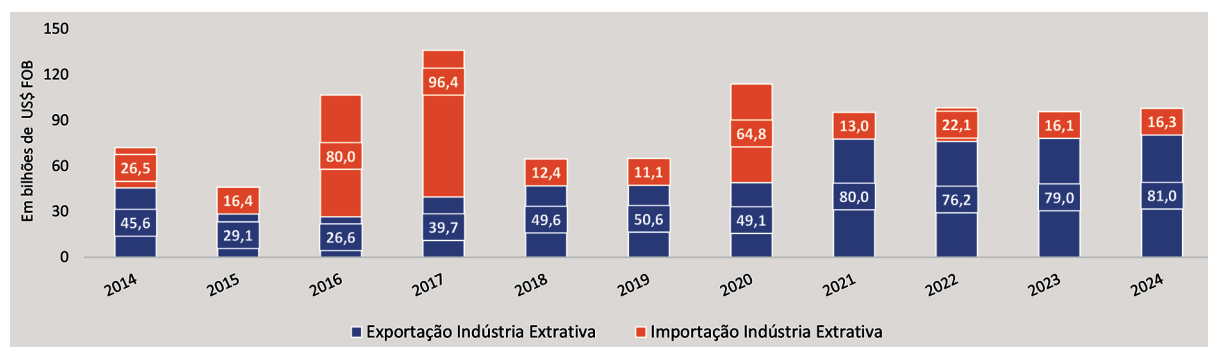
Fonte: Elaboração dos autores com base em dados do Comexstat/MDIC.

Logo, podemos observar que as exportações aparecem com um valor maior que as importações ao longo dos anos, indicando que o Brasil tende a ter uma balança comercial superavitária, no geral. O mesmo pode ser observado no caso do Estado do Rio de Janeiro, que dentro da série histórica apresentada nos gráficos acima (**gráficos 16 e 17**), obteve um valor maior de exportações em comparação ao valor das importações.

No que diz respeito ao setor industrial no Brasil, os cenários ganham outra formatação. A Indústria Extrativa (**gráfico 18**) apareceu ao longo da série temporal com resultados mais positivos, especialmente a partir do ano de 2021, quando as exportações da Indústria Extrativa começaram a aumentar, atingindo 81 bilhões de

dólares em 2024. Esse resultado positivo das exportações da Indústria Extrativa nos últimos anos está relacionado à retomada da demanda global por produtos da pauta extrativa brasileira, bem como do estímulo ao crescimento em diversos países que consomem aço, minério, petróleo, entre outros que tiveram os seus movimentos econômicos retomados.

GRÁFICO 18 – IMPORTAÇÕES E EXPORTAÇÕES DA INDÚSTRIA EXTRATIVA DO BRASIL



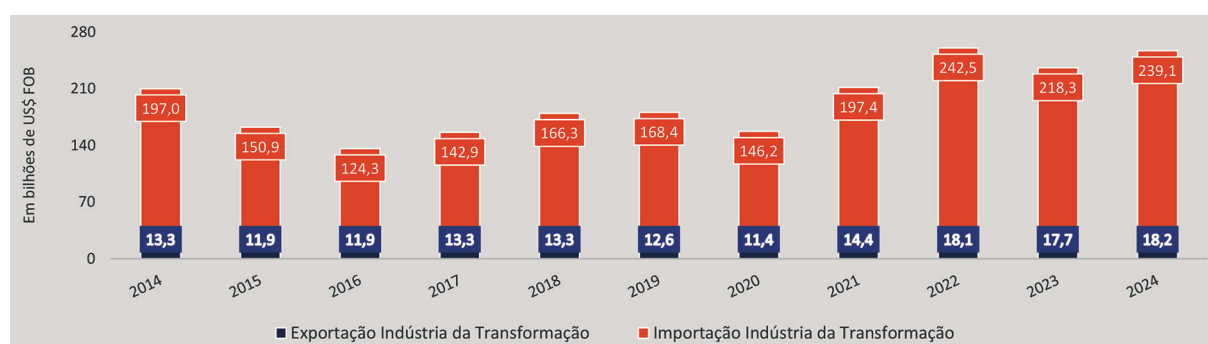
Fonte: Elaboração dos autores com base em dados do Comexstat/MDIC.

As importações da Indústria Extrativa apresentaram um grande recuo nos anos de 2018 e 2019 e novamente a partir de 2021, que pode ser um reflexo da redução da demanda por produtos importados para o setor.

A Balança Comercial da Indústria Extrativa brasileira é positiva, quando se observa a série temporal estudada, a média é de 21,05 bilhões ao ano (tendo tido o ano de 2016 e 2017 com a balança negativa). É mister ressaltar que a Indústria Extrativista, a despeito do bom desempenho, é um setor que emprega um número menor de pessoas, mas intensivo em capital, e que é mais vulnerável às oscilações dos preços internacionais.

Em relação a Indústria de Transformação os resultados praticamente se invertem. No **gráfico 19** é possível observar que entre 2014 e 2024 as importações sempre superaram as exportações desse setor, apresentando assim uma balança comercial comumente deficitária, a média da série temporal é de um *déficit* de US\$ 167 bilhões ao ano. Observando os dados, o quantitativo das exportações é muito parecido, tendo aumentado mais a partir do ano de 2022. Os anos de 2016 e 2020 apresentaram os piores resultados das importações, anos marcados por crises: estagnação brasileira e a crise global da COVID-19, respectivamente.

GRÁFICO 19 – IMPORTAÇÕES E EXPORTAÇÕES DA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO DO BRASIL



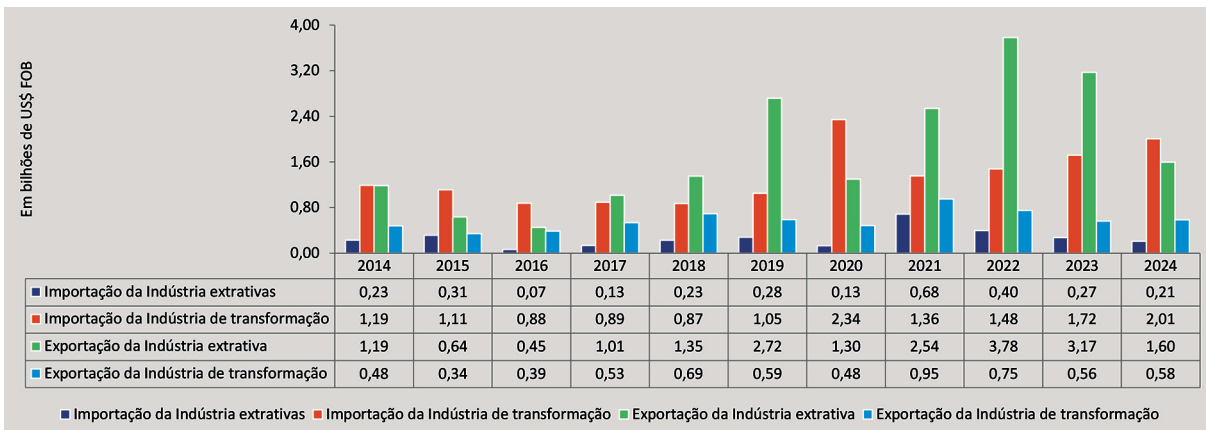
Fonte: Elaboração dos autores com base em dados do Comexstat/MDIC.

Os dados mostram que a Indústria de Transformação do Brasil é fortemente dependente de bens importados, desde insumos até aqueles com maior valor agregado como tecnologia e bens de capital, o que é representado pelo fato de as importações aumentarem tanto quando as exportações também aumentam. Ademais, os dados indicam que os bens manufaturados exportados pelo Brasil têm menor valor agregado e complexidade, os tornando menos competitivos e também mais baratos. Ao passo que os produtos importados são mais caros.

No que diz respeito ao Estado do Rio de Janeiro (**gráfico 20**), as tendências são relativamente parecidas com as nacionais. As exportações da Indústria de Transformação seguem uma trajetória mais “linear” com poucas oscilações, bem próximo ao caso brasileiro observado no gráfico anterior. As importações do setor apresentaram melhor desempenho – também indicando uma balança comercial deficitária para o referido setor – tendo atingido o pico em 2020 (US\$ 2,34 bilhões). Entre os prováveis motivos para esse resultado está o aumento das importações de produto para combater à pandemia, como por exemplo, reagentes de laboratório.

As importações da Indústria Extrativa no Estado do RJ também são muito menores que as exportações do setor, deixando a balança estatual extrativa também positiva.

GRÁFICO 20 – IMPORTAÇÕES E EXPORTAÇÕES DA INDÚSTRIA EXTRATIVA DO BRASIL



Fonte: Elaboração dos autores com base em dados do Comexstat/MDIC.

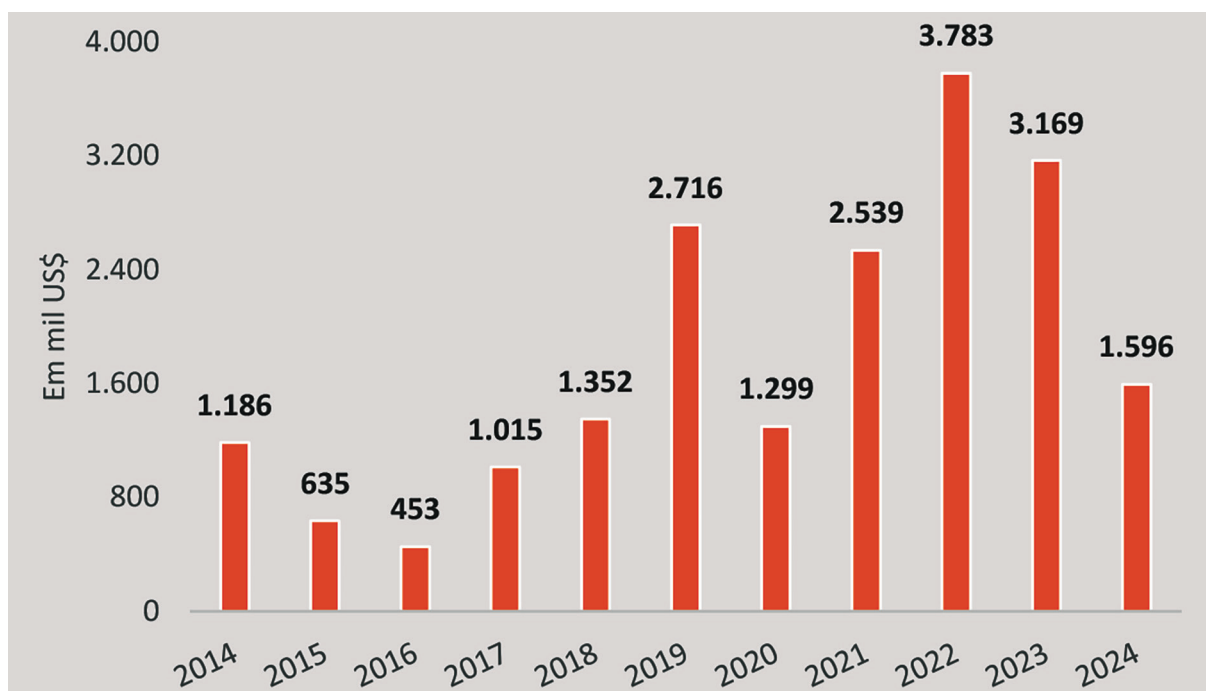
As exportações da Indústria Extrativa têm os maiores valores na balança comercial do estado do RJ, puxados principalmente pela indústria de Petróleo e Gás. Os piores registros foram nos anos de 2015 e 2016, anos da crise nacional e que no Estado do RJ foi agravada pelo impacto da queda internacional do preço do petróleo e crise fiscal fluminense, devido também a baixa arrecadação do setor. Os valores dos anos de 2019 e 2021 a 2023 chamam atenção por serem bem maiores que o da média dos outros anos da série temporal. O salto do ano de 2019 é explicado pelo aumento da produção na Bacia de Santos. Já o salto de 2021 a 2023, deve-se ao aumento em mais de 10% da exploração dos campos de Pré-sal, principalmente na Bacia de Campos, iniciados no ano de 2020. Em 2024 o valor volta para próximo da média dos demais anos que não foram marcados por aumento significativo da produção.

Os **gráficos 21** e **22**, apresentam uma relação entre o valor médio anual do barril do petróleo (*Brent*³) e a exportação da Indústria Extrativa fluminense. Em 2022 o valor do

3 O Brent é a principal referência para a precificação do petróleo cru no mercado internacional.

Brent era de US\$ 100,88, mais alto que o de 2014 (US\$99,41) o que também explica o aumento fora da curva do valor das exportações extrativas no mesmo ano (US\$ 3,78 bilhões). Já no ano de 2023, mesmo com a queda no preço do barril de petróleo, o Estado do Rio de Janeiro, segue com um valor muito alto das exportações do setor, ainda que menor que o ano anterior, é considerado alto porque o *Brent* do ano ainda ficou acima dos anos estudados na série temporal (US\$82,36).

GRÁFICO 21 – EXPORTAÇÃO DA INDÚSTRIA EXTRATIVA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO



Fonte: Elaboração dos autores com base em dados do Comexstat/MDIC e IPEA

GRÁFICO 22 – VALOR MÉDIO ANUAL DO BARRIL DE PETRÓLEO TIPO BRENT



Fonte: Elaboração dos autores com base em dados do Comexstat/MDIC e IPEA

A **tabela 7**, traz a lista dos produtos importados e exportados pela Indústria Extrativa do Estado do Rio de Janeiro. No que diz respeito ao valor, majoritariamente o estado do Rio exportou combustíveis e lubrificantes básicos, tendo exportado também uma quantia relevante de alimentos e bebidas, sem importar nada dessa seção. Chama atenção ainda que dos produtos, o único que o estado importa mais do que exporta é insumos industriais elaborados. Os dados da tabela também apontam a balança comercial extrativa fluminense como positiva.

TABELA 7 – INDÚSTRIA EXTRATIVA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO EM 2024 - EM US\$

PRODUTOS	EXPORTAÇÃO	IMPORTAÇÃO
Alimentos e bebidas elaborados, destinados principalmente ao consumo doméstico	14.471	0,00
Combustíveis e lubrificantes básicos	36.420.477.304	3.698.437.746
Insumos industriais básicos	711.371.650	25.063.299
Insumos industriais elaborados	656	359.847
TOTAL	37.131.864.081	3.723.860.892

Fonte: Elaboração dos autores com base em dados do Comexstat/MDIC.

Ao contrário, a Indústria de Transformação fluminense apresenta balança comercial negativa, visto que suas importações são muito mais caras que suas exportações.

De acordo com os dados apresentados na **tabela 8**, o produto “insumos industriais elaborados” para o setor de indústria de transformação, representam o maior valor das exportações do setor, mas a despeito disso, ainda se importa duas vezes mais do mesmo produto. O que evidencia uma Indústria de Transformação do estado do Rio de Janeiro é muito dependente de produtos externos e também que os produtos da transformação brasileira, são vendidos no mercado internacional a um preço menos competitivo que o dos produtos importados pela mesma indústria.

Já para o município do Rio de Janeiro não há como abrir os dados disponibilizados pelo MDIC/Comexstat pelos setores de Indústria de Transformação e Extrativas, mas de acordo com os dados gerais do órgão, apresentados no **gráfico 23**, em 2024, a cidade do RJ exportou US\$ 1,83 bilhão e importou US\$ 0,69 bilhão. Entre os anos de 2014 e 2018 a trajetória do comércio exterior carioca foi relativamente linear. No ano de 2019, houve um aumento no valor das exportações, caindo novamente no ano de 2020 – COVID-19 – a partir de 2021 as exportações começaram a se recuperar, atingindo o pico em 2022 (US\$ 2,33 bilhões) e mantendo uma estabilidade em 2023 e 2024, principalmente por conta do setor do petróleo que vivenciou um *boom* a partir de 2022.

TABELA 8 – INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO EM 2024 - EM US\$

PRODUTOS	EXPORTAÇÃO	IMPORTAÇÃO
Alimentos e Bebidas	121.359.939	223.098.126
Automóveis para passageiros	295.919.186	337.995.368
Bens de consumo (duráveis, não duráveis e semiduráveis)	177.002.978	1.189.029.946
Bens de capital (exceto equipamentos de transporte)	1.310.843.633	2.379.735.559
Bens não especificados anteriormente	723.000	24.222.915
Combustíveis e lubrificantes	1.808.253.108	1.911.313.969
Equipamentos de transporte industrial	229.624.346	439.860.115
Equipamentos de transporte não industrial	2.571.446	15.553.717
Gasolinas para automóvel (motor spirit) - indícios na compatibilização com HS.	272.557.757	0,00
Insumos industriais básicos	6.264.649	10.356.038
Insumos industriais elaborados	3.038.571.763	6.244.910.809
Pecas e acessórios para bens de capital	323.062.656	1.466.963.895
Pecas para equipamentos de transporte	860.959.316	8.585.328.918
TOTAL	8.447.713.777	22.828.369.375

Fonte: Elaboração dos autores com base em dados do Comexstat/MDIC

GRÁFICO 23 – IMPORTAÇÕES E EXPORTAÇÕES TOTAL DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO



Fonte: Elaboração dos autores com base em dados do Comexstat/MDIC

■ Considerações Finais

O comércio exterior brasileiro, tem operado de 2014 a 2024 com saldos positivos em sua balança, muito por conta da exportação de commodities, no entanto quando se abrem os dados pelos setores, é notória a fragilidade de setores estratégicos para o desenvolvimento do país, como é o caso da Indústria de Transformação. Esse setor apresentou, nos três níveis analisados nesse estudo – nacional, estadual e municipal – um desempenho que mostra uma considerável dependência do país e das suas unidades federativas de produtos com alto valor agregados e maiores complexidades. Mesmo a maior exportação de produtos com valor agregado tem um saldo negativo pela grande necessidade de importação para a produção deste mesmo produto, bem como de outros. Há de se pensar um plano de reindustrialização que torne o comércio internacional brasileiro, fluminense e carioca mais competitivo e que possa colocar os produtores locais em patamares mais elevados nas cadeias globais de valor.

■ Referências

Comex Stat (Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços). Disponível em: <https://comexstat.mdic.gov.br/pt/home>. Acesso em: 10 de outubro de 2025.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Diretoria de Pesquisas. Coordenação de Contas Nacionais. **Sistema de Contas Nacionais: Brasil 2022 – Notas Técnicas**. (Contas Nacionais, n. 98). Rio de Janeiro, 2024. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv102128_notas_tecnicas.pdf. Acesso em: 03 de novembro de 2025.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **PNAD Contínua: em 2024, taxa anual de desocupação foi de 6,6% enquanto taxa de subutilização foi de 16,2%**. Agência de Notícias IBGE, 31 jan. 2025. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/42530-pnad-continua-em-2024-taxa-anual-de-desocupacao-foi-de-6-6-enquanto-taxa-de-subutilizacao-foi-de-16-2>. Acesso em: 03 de novembro de 2025.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Sistema de Contas Regionais: Tabelas 2022 – Tabela 22 (Estado do RJ)**. Rio de Janeiro, 2024. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/economicas/contas-nacionais/9054-contas-regionais-do-brasil.html?edicao=41862&t=resultados>. Acesso em: 03 de novembro de 2025.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Tabela 5932. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/5932>. Acesso em: 20 de outubro de 2025.

Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). Petróleo Bruto – *Brent*. Disponível em: <https://www.ipeadata.gov.br>. Acesso em: 05 de novembro de 2025.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Tabela 5938. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/5938>. Acesso em: 20 de outubro de 2025.

Ministério de Gestão e Inovação em Serviços Públicos – (MGI) - Governo zera imposto de importação de mais de 500 produtos durante a pandemia (2020). Disponível em: <https://www.gov.br/gestao/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/principais-acoes-na-area-economica/acoes-combate-a-covid-19/acoes-2020-combate-a-covid-19/governo-zero-imposto-de-importacao-de-mais-de-500-produtos-durante-a-pandemia>. Acesso em: 10 de outubro de 2025.



Instituto
Pereira Passos